

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM LINGUÍSTICA
MESTRADO EM LINGUÍSTICA

LEIDILENE DE SOUZA RODRIGUES

**ESTUDO DOS PROCESSOS DE IDENTIFICAÇÃO: LENDAS INDÍGENAS E
GESTOS DE INTERPRETAÇÃO**

CÁCERES-MT

2021

LEIDILENE DE SOUZA RODRIGUES

**ESTUDO DOS PROCESSOS DE IDENTIFICAÇÃO: LENDAS INDÍGENAS E
GESTOS DE INTERPRETAÇÃO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística, sob a orientação da professora Dra. Joelma Aparecida Bressanin.

CÁCERES-MT

2021

Luiz Kenji Umeno Alencar CRB 1/2037

RODRIGUES, Leidilene de Souza.

R696e Estudo dos Processos de Identificação: Lendas Indígenas e Gestos de Interpretação / Leidilene de Souza Rodrigues – Cáceres, 2021.
77 f.; 30 cm. (ilustrações) Il. color. (sim)

Trabalho de Conclusão de Curso
(Dissertação/Mestrado) – Curso de Pós-graduação Stricto Sensu (Mestrado Acadêmico) Linguística, Faculdade de Educação e Linguagem, Câmpus de Cáceres, Universidade do Estado de Mato Grosso, 2021.

Orientador: Joelma Aparecida Bressanin

1. Lendas Indígenas. 2. Narratividade. 3. Escola. 4. Sujeito Chiquitano. I. leidilene de Souza Rodrigues. II. Estudos dos Processos de Identificação: Lendas Indígenas e Gestos de Interpretação.

CDU 821.134.3(=87)(81).09

LEIDILENE DE SOUZA RODRIGUES

**ESTUDO DOS PROCESSOS DE IDENTIFICAÇÃO: LENDAS INDÍGENAS E
GESTOS DE INTERPRETAÇÃO**

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Joelma Aparecida Bressanin
Orientadora – PPGL/UNEMAT

Prof. Dr. Flávio Roberto Gomes Benites
Avaliador Interno – PPGL/UNEMAT

Profa. Dra. María Teresa Celada
Avaliadora Externa – (USP)

APROVADA EM: 04 de dezembro de 2020.

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, Antônio e Sirlene, por abraçarem o meu sonho.
Ao meu namorado Adejunior pelo incentivo, paciência e por me
permitir viver o AMOR.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, toda minha gratidão dirige-se a Deus por sua infinita bondade e misericórdia. Obrigada por todas as bênçãos que culminaram na realização de um sonho e por permitir que Nossa Senhora, mãe de Jesus, me carregasse no colo todas as vezes que tentei parar de caminhar.

À Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), por me propiciar a oportunidade de formação profissional, desde a Graduação ao Mestrado.

À minha admirável orientadora Profa. Dra. Joelma Aparecida Bressanin pela inspiração, confiança, orientação, dedicação, disponibilidade e carinho em todo o nosso percurso de estudos que se iniciou ainda no Ensino Fundamental II, pelo incentivo que sempre me ofereceu e tanto pelos ensinamentos acadêmicos quanto pelo acolhimento.

À banca de qualificação e defesa, Profa. Dra. María Teresa Celada e Prof. Dr. Flávio Roberto Gomes Benites, pelo aceite do convite, pela disponibilidade e por nos concederem a honra de tê-los no processo avaliativo deste estudo. Suas considerações e reflexões teóricas e analíticas foram relevantes e fundamentais para o desenvolvimento do nosso trabalho.

À Direção, Coordenação e todo o corpo docente do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Linguística (PPGL).

À minha família, pai Antônio, mãe Sirlene, namorado Adejunior, sobrinha Maitê, vó Linda, cunhada-irmã Juliana e meu irmão Márcio que constantemente me apoiam, me dão forças para continuar e compreendem minha presença-ausente durante esse período de estudo.

Aos colegas do Grupo de Estudos Políticas e Ensino de Línguas no Centro-Oeste (GEPELCO) pelos momentos de descontração durante a produção do conhecimento e em especial à minha amiga-irmã, Fábica Cristina Sales Neves, por dividirmos angústias, despesas, surpresas, conhecimento e nossas realizações. Às amigas, Lourdes Serafim da Silva, Elda Cintra Leite, Alexandra Bressanin, Patrícia Nattes dos Santos, Neures B. de P. Soares e Alessandra F. Kraus Passos, pelo incentivo e disponibilidade de contribuírem ao meu conhecimento teórico.

À direção, coordenação, professores, funcionários e alunos da Escola Municipal Maria Gregória Ortiz Cardoso, por abrirem as portas da Escola, nos permitirem e contribuírem com a realização da pesquisa. Em especial, às amigas, Darci de Miranda e Márcia Cristina Batista, pelo apoio e compreensão nos últimos meses.

À Secretaria Municipal de Educação, ao Prefeito Martins Dias de Oliveira, à Maria Regina Castro Martins por possibilitarem a realização desse estudo.

À Saturnina Urupe Chue, à Maria Sória Rupe e ao Cacique Cirilo Gabriel Rupe, da aldeia Fazendinha, que prontamente me atenderam em todas as solicitações para esclarecimento e permissão para a realização da pesquisa.

A todos aqueles que, direta ou indiretamente, contribuíram para este feito, alegrando-se com as minhas conquistas, compartilhando comigo um pouco do que sabem e participando de mais esta etapa importantíssima em minha vida.

Muito obrigada!

RESUMO

Esta pesquisa se inscreve na área de concentração: Estudo de processos linguísticos, vinculada à linha de pesquisa: Estudo de processos discursivos, do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso (PPGL/UNEMAT). Nosso objetivo é investigar como se dá o processo de identificação do sujeito aluno em relação à identidade cultural do povo Chiquitano. Para tanto, tomamos como material de análise, lendas indígenas conhecidas pelos alunos e trazidas para o espaço escolar, a partir de uma proposta pedagógica que gerou uma produção textual escrita, seguida de uma produção oral, que foi registrada em áudio. Neste trabalho, pautamo-nos na teoria da Análise de Discurso de linha materialista, formulada por Michel Pêcheux e pesquisadores pertencentes ao seu grupo de pesquisa, na França, na década de 60 e reformulada por Eni Puccinelli Orlandi, no Brasil, a partir da década de 70, juntamente com outros estudiosos. Pelo viés discursivo, buscamos entender as relações dos discursos, neste espaço, com a memória, através das lendas indígenas contadas na escola, levando em consideração as condições de produção destas. Nesse caso, trata-se de uma escola localizada na cidade de Porto Esperidião-MT, município de fronteira com a Bolívia, país de origem do povo Chiquitano. Ressaltamos que todo conhecimento acerca do sujeito aluno Chiquitano, que por motivos outros necessita sair das aldeias para residir na cidade, nos trará conhecimento a respeito dos processos de identificação com a identidade cultural Chiquitano, na relação de convívio com outras culturas. Dessa forma, compreendemos que o trabalho com os discursos presentes nas lendas, nos permitiu refletir sobre a relação do sujeito aluno Chiquitano com a escola não indígena, bem como suas práticas pedagógicas que silenciam a cultura indígena.

Palavras-chave: Lendas indígenas. Narratividade. Escola. Sujeito Chiquitano.

ABSTRACT

This research is part of the concentration area: Study of linguistic processes, linked to the line of research: Study of discursive processes, from the Postgraduate Program in Linguistics at the State University of Mato Grosso (PPGL / UNEMAT). Our goal is to investigate how the student's identification process takes place in relation to the cultural identity of the Chiquitano people. For this purpose, we take as material of analysis, indigenous legends marked by the students and brought to the school space, from a pedagogical proposal that generated a textual production, followed by an oral production, which was recorded in audio. In this work, we are guided by the Discourse Analysis theory of a materialist line, formulated by Michel Pêcheux and researchers belonging to his research group, in France, in the 60s and reformulated by Eni Puccinelli Orlandi, in Brazil, from the decade 70s, along with other scholars. Through the discursive bias, we seek to understand the relations of the speeches, in this space, with the memory, through the indigenous legends contained in the school, taking into account the conditions of their production. In this case, it is a school located in the city of Porto Esperidião-MT, a border town with Bolivia, the country of origin of the Chiquitano people. We emphasize that all knowledge about the student subject Chiquitano, who for other reasons requires leaving the villages to live in the city, will bring us knowledge about the processes of identification with Chiquitano cultural identity, in the relationship with other cultures. Thus, we understand that the work with the speeches present in the legends, allowed us to reflect on the relationship of the student subject Chiquitano with the non-indigenous school, as well as his pedagogical practices that silence indigenous culture.

Key words: Native legends. Narrativity. School. Subject Chiquitano.

RESUMEN

Esta investigación forma parte del área de concentración: Estudio de procesos lingüísticos, vinculada a la línea de investigación: Estudio de procesos discursivos, del Programa de Postgrado en Lingüística de la Universidad Estatal de Mato Grosso (PPGL / UNEMAT). Nuestro objetivo es investigar cómo se desarrolla el proceso de identificación de asignaturas de los estudiantes en relación con la identidad cultural del pueblo chiquitano. Para eso, se utilizó como material de análisis, leyendas indígenas conocidas por los estudiantes y traídas al espacio escolar, a partir de una propuesta pedagógica que generó una producción textual escrita, seguida de una producción oral, la cual fue grabada en audio. En este trabajo, nos guiamos por la teoría del Análisis del discurso de una línea materialista, formulada por Michel Pêcheux e investigadores pertenecientes a su grupo de investigación, en Francia, en los años 60 y reformulada por Eni Puccinelli Orlandi, en Brasil, a partir de la década 70, junto con otros académicos. A través del sesgo discursivo, buscamos comprender las relaciones de los discursos, en este espacio, con la memoria, a través de las leyendas indígenas contadas en la escuela, tomando en cuenta las condiciones de su producción. En este caso, se trata de una escuela ubicada en la ciudad de Porto Esperidião-MT, localidad fronteriza con Bolivia, país de origen del pueblo chiquitano. Destacamos que todo conocimiento sobre la asignatura estudiantil Chiquitano, que por otras razones necesita salir de los pueblos para vivir en la ciudad, nos traerá conocimientos sobre los procesos de identificación con la identidad cultural chiquitana, en la relación con otras culturas. Así, entendemos que el trabajo con los discursos presentes en las leyendas, nos permitió reflexionar sobre la relación del alumno sujeto chiquitano con la escuela no indígena, así como sus prácticas pedagógicas que silencian la cultura indígena.

Palabras clave: Leyendas indígenas. Narratividad. Colegio. Asunto Chiquitano.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CEE: Conselho Estadual de Educação

CEP: Comitê de Ética em Pesquisa

CNS: Conselho Nacional de Saúde

DNER: Departamento Nacional de Estradas de Rodagem

FUNAI: Fundação Nacional do Índio

FD: Formação Discursiva

RCLE: Registro de Consentimento Livre Esclarecido

Sd: Sequência discursiva

TI: Terra Indígena

PPP: Projeto Político Pedagógico

LISTA DE MAPAS

Mapa 1: Localidades com presença de Chiquitano em Porto Esperidião.	35
Mapa 2: Localização da Terra Indígena Portal do Encantado.	38

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	19
CAPÍTULO I	
1. SUJEITO E ESPAÇO: SITUANDO A PESQUISA E SUAS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO	19
1.1 Das condições de produção da pesquisa	20
1.2 Procedimentos teórico-metodológicos.....	23
1.3 Porto Esperidião enquanto espaço discursivo	26
1.4 Identidade cultural Chiquitano e o espaço escolar	28
CAPÍTULO II	
2. SUJEITO E INSTITUIÇÃO: IDENTIFICANDO A FORMA-SUJEITO	33
2.1 As Missões dos Jesuítas	33
2.2 Negação da identidade cultural Chiquitano	34
2.3 Resistência da cultura tradicional: o Chiquitano e a cosmologia	38
2.3.1 Resistência da cultura tradicional: a aldeia e a cidade	40
2.4 A posição-sujeito na incompletude da estrutura textual	43
CAPÍTULO III	
3. SUJEITO E LÍNGUA: INTERPRETANDO AS LENDAS	48
3.1 Discurso e escola: apresentando as lendas	51
3.2 Análise do corpus	54
3.2.1 Marcas linguísticas da cultura indígena	55
3.2.2 Marcas linguísticas dos processos de identificação dos sujeitos	60
CONSIDERAÇÕES	68
REFERÊNCIAS	71
ANEXO 1	77

INTRODUÇÃO

A vivência em Porto Esperidião, no estado de Mato Grosso e, principalmente, minha atuação como professora do ensino fundamental II, desde o ano de 2010, na Escola Municipal Maria Gregória Ortiz Cardoso, levaram-me a algumas reflexões sobre a relação entre a escola e seus estudantes, em especial, os oriundos de aldeias indígenas. Foi a presença de indígenas Chiquitano¹ na escola urbana que me fez perceber o quanto seria importante entender melhor o modo como se dá os processos de identificação do sujeito aluno Chiquitano, em relação à identidade cultural indígena.

Cabe destacar que Porto Esperidião é um município de fronteira com a Bolívia, em uma região rodeada por aldeias indígenas do povo Chiquitano, que ali estão desde o século XVII. Atualmente, em Porto Esperidião, os indígenas residem na Terra Indígena Portal do Encantado, na Aldeia Vila Nova Barbecho, em comunidades na zona rural e na zona urbana do município. O fato de os Chiquitano estudarem na escola urbana é devido à existência desses na cidade, em virtude de vários fatores. Dentre eles, a oportunidade de emprego e a garantia de estudo para os filhos.

Dessa forma e diante de tais oportunidades, tenho a possibilidade de dividir o mesmo espaço social e ter uma relação mais próxima com alunos Chiquitano, no espaço escolar.

Sendo assim, é dessa relação entre docente e discentes que elaboramos o nosso principal objetivo, que é investigar como se dá o processo de identificação desse sujeito, em relação à identidade cultural do povo Chiquitano, tomando como material de análise as lendas indígenas recontadas pelos alunos.

Sobre a identificação do sujeito à determinada formação discursiva, Pêcheux (2014) traz a questão do “desdobramento da forma-sujeito”. Para tal, apresenta duas “modalidades discursivas do funcionamento subjetivo”: “identificação” – que consiste em uma “superposição” que caracteriza o “bom sujeito”, aquele que se identifica plenamente com a formação discursiva inserida – e a “contra-identificação” – que caracteriza “o discurso do mau sujeito” que se identifica com a formação discursiva, mas com distanciamento. O autor, ainda, apresenta a terceira modalidade: “desidentificação” – que representa “uma tomada de posição

¹ Conforme a Convenção para a Grafia de Nomes Tribais assinada na 1ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada no Rio de Janeiro, em 1953, publicada na Revista de Antropologia (vol. 2, nº 2, São Paulo, 1954, p. 150-152), “[...] Os nomes tribais [...] não terão flexão portuguesa de número ou gênero, quer no uso substantival, quer no adjetival.”

não-subjetiva”, condizente a um “trabalho de transformação-deslocamento da forma-sujeito” que se desidentifica com uma formação discursiva e se identifica com outra. (PÊCHEUX, 2014, p. 199-202). Ressaltamos que, a partir das três modalidades formuladas pelo autor, nos determos apenas na primeira modalidade, no processo de identificação, pois não percebemos, no material analisado, as outras modalidades em funcionamento. Assim, interessa-nos a primeira modalidade de tomada de posição, é através dela que o sujeito do discurso, ao tomar posição, se identifica diretamente com a forma-sujeito que organiza o que pode ou não ser dito no âmbito da Formação Discursiva.

Para tal propósito, buscamos compreender alguns questionamentos, tais como: há espaço para a cultura do sujeito aluno Chiquitano na escola em que ele estuda? Qual a relação entre a aldeia e a escola, no processo de identificação do sujeito aluno Chiquitano? Como o sujeito aluno Chiquitano se significa com a relação à identidade do povo Chiquitano, através do funcionamento da memória discursiva pela narratividade textualizada nas lendas que conta no ambiente escolar?

Cabe destacar que o contato do não índio com o índio, ao longo da história, deixou marcas na identidade cultural indígena. Conforme Orlandi (2008, p. 67):

A ciência, a política social e a religião se apresentam como três modos de domesticar a diferença: a primeira pelo conhecimento, a segunda pela mediação e a terceira pela salvação (catequese). As três contribuem para que, de algum modo, se apague a identidade do índio enquanto cultura diferente e constitutiva da identidade nacional.

Logo, a convivência do povo indígena com outros povos e a relação com o Estado atuaram em seu processo de constituição e individuação, de forma que pudessem apagar a identidade cultural diferente. Assim sendo, todo conhecimento acerca do sujeito aluno Chiquitano que, por motivos outros, necessita sair das aldeias para residir na cidade, nos trará informações importantes para compreendermos melhor a relação destes com outros sujeitos, com outras culturas, no espaço escolar.

Para compreendermos os processos de constituição do sujeito aluno Chiquitano da escola não indígena, pautamos nossa pesquisa na teoria da Análise de Discurso de linha materialista, formulada por Michel Pêcheux e seu grupo de pesquisadores, na França, na década de 60 e reformulada por Eni Puccinelli Orlandi, no Brasil, a partir da década de 70, e praticada por analistas de discurso de nossa conjuntura epistemológica. Filiados a essa teoria, esperamos entender as relações dos discursos, neste espaço, com a memória, através das lendas indígenas contadas na escola, levando em consideração as condições de produção destas.

Aqui, tomamos memória enquanto memória discursiva, a qual Orlandi (2017, p. 24) considera ser “trabalhada pela noção de interdiscurso: ‘algo fala antes, em outro lugar e independentemente’. Trata-se do que chamamos saber discursivo. É o já dito que constitui todo o dizer.” (grifo do autor). A memória discursiva são enunciações que já foram ditas e esquecidas, logo, a formulação do dizer se dá por outras formulações já feitas. Nessa perspectiva, o funcionamento da memória no sujeito se dá pela narratividade pois, para Orlandi (2017, p. 207), é pela narratividade que compreendemos como a memória “funciona na produção de sentidos para e pelos sujeitos, em condições determinadas.” Para tanto, ao analisarmos um discurso é preciso pensar que a memória diz sobre o modo como o sujeito aluno Chiquitano se significa em relação à identidade indígena.

Como *corpus* de análise, a materialidade discursiva necessária para produzir sentidos, coletamos textos, resultantes das atividades de produção escrita a respeito de lendas contadas pelos alunos Chiquitano, a partir de uma prática pedagógica realizada em sala aula com a turma do 8º ano B, da referida Escola Municipal Maria Gregória Ortiz Cardoso, situada na zona urbana do município de Porto Esperidião. Após a proposta de atividade de produção textual escrita, foi preciso utilizar outra metodologia, então, recorreremos à produção oral, uma vez que os alunos entregaram a atividade escrita com textos incompletos e folhas em branco. Assim, propusemos aos alunos recontarem as lendas que conheciam e, após a gravação em áudio da atividade de contação das lendas, selecionamos quatro delas, que foram transcritas por nós e, das quais recortamos algumas sequências discursivas (Sds) para a análise.

Dessa maneira, para apresentarmos a pesquisa, estruturalmente, o trabalho foi dividido em três capítulos, que devem ser compreendidos como resultado da leitura do *corpus* discursivo, no qual buscamos entender como um discurso funciona produzindo sentidos, mediado pela memória discursiva, pela ideologia que constitui os sujeitos, enquanto sujeitos históricos.

No primeiro capítulo, *Sujeito e espaço: situando a pesquisa e suas condições de produção*, ao abordarmos a constituição da pesquisa, também identificamos os sujeitos participantes, atentamos em descrever como se fez o processo de investigação da pesquisa. Assim, falamos das condições de produção, dos procedimentos teóricos/metodológico que visam o processo de coleta das lendas, o *corpus* da pesquisa. Ao falarmos das condições de produção, explanamos sobre a relação sujeito/língua/história no espaço escolar onde sujeitos alunos Chiquitano e sujeitos não-índios convivem.

Em seguida, ainda no primeiro capítulo, para compreendermos a relação entre o sujeito e o espaço de convivência social, demos atenção ao espaço da pesquisa, o município de Porto

Esperidião, bem como a Escola Municipal Maria Gregória Ortiz Cardoso, onde estudam os alunos Chiquitano e onde o *corpus* discursivo foi coletado por meio de atividade de produção escrita e oral. Dar atenção ao espaço da pesquisa, nos fez refletir sobre o ensino da escola em relação à história e à cultura do povo Chiquitano. Assim, ao descrever o processo de investigação da pesquisa, buscamos dar visibilidade aos sujeitos participantes, ao espaço de convivência dos sujeitos, que também é o de desenvolvimento da pesquisa e a construção do *corpus* discursivo.

No segundo capítulo, *Sujeito e instituição: identificando a forma-sujeito*, buscamos trazer um estudo histórico sobre como o município de Porto Esperidião se tornou o espaço de habitação para os sujeitos, uma vez que suas origens vêm do país vizinho, Bolívia, para refletir sobre o modo como o sujeito se significa e é significado em um outro ambiente, diferente do de sua descendência. Assim, buscamos descrever quando esse processo se iniciou, bem como suas condições de produção sócio-históricas, políticas e ideológicas.

Ainda, no segundo capítulo, refletimos sobre os aspectos da religiosidade e crenças, destacando a presença do catolicismo e de rituais místicos/espirituais na cultura do povo Chiquitano. Quando pensamos as práticas culturais nos referimos à tradição que, de acordo com Benites (2013, p.33), a tradição:

Não pode ser vista como derivada de comportamentos naturalmente ligados a determinados grupos. Ela é uma construção, uma invenção das sociedades e tem seu efeito justamente porque, a partir dela, criam-se discursos que pretendem interligar o presente a um passado imemorial. Muitas vezes, esse passado não é tão distante como as tradições o fazem parecer e crer.

Assim, percebemos que as tradições, bem como as crenças e rituais religiosos praticados pelo povo indígena produzem sentidos com os quais eles se identificam fazendo alusão ora ao passado, ora ao presente.

Trouxemos, também, reflexão a respeito da recusa em se autodeclararem Chiquitano, uma negação relacionada à convivência com o não-índio na cidade e na escola urbana. Situação mais recorrente com aqueles que se deslocaram das aldeias em busca de lugares que pudessem lhes oferecer moradia, lazer, e principalmente, educação e trabalho. A transição entre aldeia e cidade garante a permanência de alunos Chiquitano na escola urbana, o que permite a eles uma relação com discursos outros, inscritos em formações discursivas distintas. Assim, buscamos, ainda nesse capítulo, analisar os textos referentes à atividade de produção escrita para refletirmos sobre as práticas pedagógicas da escola que recebe esse sujeito.

No terceiro capítulo, *Sujeito e língua: interpretando as lendas*, partindo da perspectiva segundo a qual o histórico e o ideológico atravessam a língua, apresentamos as quatro lendas que compõem o *corpus* de análise que organizamos a partir do trabalho que desenvolvemos em sala de aula. Logo em seguida, iniciamos a análise do *corpus* discursivo que foi dividido em quatro recortes, mediante os quais buscamos refletir sobre: a relação entre o sujeito Chiquitano e o sobrenatural; a relação entre catolicismo e rituais de crenças do sujeito Chiquitano; a relação entre Escola e sujeito aluno Chiquitano; a relação entre sujeito aluno Chiquitano e a identidade cultural do povo Chiquitano. Esta organização permite-nos mostrar como certas regularidades funcionam nas lendas contadas na escola. Assim, neste capítulo, abordamos a relação entre sujeito e língua, observando a relação do sujeito com práticas religiosas e a relação do sujeito com seus modos de identificação em relação à identidade indígena.

Por fim, nas considerações finais, observamos que o trabalho realizado em sala de aula por meio da contação das lendas nos permitiu refletir sobre a identidade cultural indígena, inclusive a relação do sujeito aluno Chiquitano com a escola não indígena, que não acolhe a sua identidade cultural. Compreendemos, também, que o sujeito atravessado por discursos outros e inscrito em uma formação discursiva, por vezes se afasta da sua cultura indígena e outros momentos se reconhece enquanto Chiquitano.

CAPÍTULO I

1. SUJEITO E ESPAÇO: SITUANDO A PESQUISA E SUAS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO

Porto Esperidião é um dos municípios de Mato Grosso e está localizado na fronteira do Brasil com a Bolívia, país de origem do índio Chiquitano, que será nosso sujeito de pesquisa, por considerarmos os alunos Chiquitano da escola urbana. Atualmente, este povo e seus descendentes residem em Terras Indígenas e também em comunidades na zona rural e na zona urbana de Porto Esperidião.

Apesar de pertencermos ao mesmo município e dividirmos vários espaços sociais, pouco sabemos sobre as determinações do sujeito aluno Chiquitano com seus processos de identificação com relação à identidade cultural do povo Chiquitano. Compreendemos que são nos processos de identificação que as “posições-sujeito se constituem em um movimento contínuo de processos de identificação a partir do modo como o sujeito é individuado e identifica-se.” (ORLANDI, 2017, p. 228). Uma posição sujeito na sociedade é constituída pelo processo de identificação, sujeito individuado pelo Estado identifica-se com uma ou outra formação discursiva.

Quando falamos em identidade cultural retomamos Benites (2013, p. 29) que traz explicações sobre a identidade que, “em relação aos indivíduos de um país”, é chamada de “identidade nacional”, elucida que “outros epítetos facilmente se somam à identidade, deslizando para identidade de grupo, identidade étnica, identidade de gênero, identidade linguística etc.”. O autor considera que tais epítetos podem ser resumidos no hiperônimo amplamente “conhecido como identidade cultural.”. Essa é a noção de identidade que interessa à nossa pesquisa, a identidade cultural, que está relacionada à identidade do povo Chiquitano.

O interesse por esse projeto de pesquisa deu-se pelo fato de que no município de Porto Esperidião se encontra, vindo da Bolívia por volta do século XVII, o povo Chiquitano que hoje reside em aldeias localizadas na zona rural. Assim, pelo fato de termos a presença dos Chiquitano em porto Esperidião-MT desde o século XVII e pouco sabermos sobre as determinações a respeito de seus processos de identificação em relação à identidade indígena dos sujeitos alunos Chiquitano que estudam na escola não indígena, é que nos questionamos:

- Há espaço para a cultura do aluno Chiquitano na escola em que ele estuda?
- Qual a relação entre a aldeia e a escola, no processo de identificação do sujeito aluno Chiquitano?

- Como o sujeito aluno Chiquitano se significa e é significado nas lendas?

Logo, neste capítulo, atentamos em descrever como se fez o processo de investigação da pesquisa, assim, falamos das condições de produção, os sujeitos participantes e a construção do *corpus* discursivo. Ao falarmos de condições de produção, falamos, segundo Orlandi (2015, p. 28), que “elas compreendem fundamentalmente os sujeitos e a situação”, mas também, “a memória faz parte da produção do discurso”. Pensadas em um sentido estrito, as condições de produção dão conta do contexto imediato da enunciação; pensadas em sentido amplo, incluem o contexto sócio-histórico e ideológico, ou seja, dão conta do contexto sócio-histórico e do imaginário produzido pelas instituições, sobre o já-dito, sobre a memória.

No processo de uma análise, é preciso considerar o sentido não na palavra em si, mas como está sendo produzido conforme suas condições de produção, sua relação com a exterioridade. Levamos em consideração que o texto é a “unidade complexa de significação” e que para sua análise é preciso remetê-lo às suas condições de produção para explicitar o tipo de discurso que o constitui.

Segundo Orlandi (2015, p. 38), “as condições de produção implicam o que é material (a linguagem sujeita a equívoco e a historicidade), o que é institucional (a formação social, em sua ordem) e o mecanismo imaginário”. De acordo com essas construções de imagens entre os sujeitos, são estabelecidas as relações entre aquele que enuncia (locutor) e o que ouve ou lê (interlocutor).

1.1 Das condições de produção da pesquisa

Uma lenda, enquanto discurso significante e como todo recorte discursivo, não pode ser tomada como algo pronto, acabado. Devemos pensá-la como objeto denso que emana sentidos outros. É preciso, portanto, levar em conta aquilo que a constitui: a memória e as condições de produção.

De acordo com o Dicionário Online de Português “o verdadeiro significado de lenda é: história contada oralmente que podem falar de costumes, fatos históricos ou qualquer outro traço da cultura de um povo.”. Antes, é preciso dizer que recorreremos ao Dicionário não como verdade absoluta; característica que este carrega em sua finalidade. Quando observamos o conceito de lenda, deparamos com a afirmação de que o Dicionário traz “o verdadeiro significado” como sendo o único detentor da verdade.

No entanto, apesar do Dicionário se apresentar como definidor, aquele que traz a verdade, de alguma forma, ele recolhe discursos sociais e projeta como o funcionamento de uma lenda, ao considerá-la uma narrativa passada de geração em geração que carrega aspectos culturais baseados em fatos históricos e reais com a mistura de fatos misteriosos. Ela é uma forma de transmitir cultura e a tradição dos povos, com isso, algumas lendas são conhecidas por todas as regiões e despertam, às vezes, mistério e medo nas pessoas e outras são caracterizadas pela peculiaridade de uma determinada região.

Do ponto de vista discursivo, a lenda, observada em seu funcionamento de circular, se constitui como tal, com a força de ser “narrada como fato que aconteceu a alguém conhecido, ou a um conhecido de algum conhecido, apresentando-se como acontecimento de conhecimento público. Na maior parte das vezes não comparável, mas defendido como verdadeiro, embora fantástico.” (ORLANDI, 2017, p. 49-50). Conforme a autora, a existência da lenda consiste em ser passada de um sujeito a outro, mantendo a tradição naquilo que o outro testemunhou, sem precisar ser visto, assim se dá sua constituição e funcionamento.

Ao propormos esse trabalho, percebemos a necessidade de compreender a relação sujeito/língua/história no espaço escolar onde sujeitos alunos Chiquitano e sujeitos não-índios convivem e compartilham experiências em distintas situações no mesmo ambiente educativo. Apesar de ter escola na aldeia, é possível a presença de alunos Chiquitano nas escolas urbana do município, o que se dá pelo fato desse sujeito deixar a aldeia para morar na cidade, na maioria das vezes por causa de trabalho e da possibilidade de formação superior. Segundo Santana (2012, p. 41), os Chiquitano, muitas vezes, “levados pela necessidade de formação escolar e pela busca de novas oportunidades de trabalho”, acabam por “se instalar nas cidades vizinhas as suas comunidades”.

Assim, os alunos Chiquitano passam a conviver em um ambiente escolar, mesmo sendo no mesmo município, com características distintas da escola indígena da aldeia.

Sendo assim, escolhemos como espaço da pesquisa a Escola Municipal Maria Gregória Ortiz Cardoso localizada na cidade de Porto Esperidião-MT, município de fronteira com a Bolívia em uma região rodeada, tanto no território brasileiro quanto no boliviano, por aldeias indígenas do povo Chiquitano.

Pautamo-nos na teoria da Análise de Discurso de linha materialista, para colocarmos em prática um dos ensinamentos de Pêcheux lembrado por Denise Maldidier (2003, p.15): que o discurso não é algo empírico em que se deve fazer análise, mas é “o lugar teórico em que se intrincam literalmente todas suas grandes questões sobre a língua, a história, o sujeito”.

Nessa perspectiva, esperamos entender as relações dos discursos, neste espaço, com a memória, através das lendas indígenas que circulam na escola, levando em consideração as condições de produção destas. Observando que em relação ao discurso a memória discursiva afeta o modo como o sujeito significa, retomamos Orlandi (2015), quando diz que:

A memória ... é tratada como interdiscurso. Este é definido como aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente. Ou seja, é o que chamamos memória discursiva: o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré – construído, o já – dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada de palavra. O interdiscurso disponibiliza **dizeres que afetam o modo como o sujeito significa** em uma situação discursiva. (p.29, grifo nosso).

As observações de Orlandi mostram que é na/pela memória discursiva que reconhecemos “dizeres que afetam o modo como o sujeito significa” com relação ao discurso. Para compreender os processos de identificação do sujeito aluno Chiquitano é fundamental a relação entre o espaço, o acontecimento e a memória discursiva, sendo que o funcionamento da memória no sujeito se faz pela narratividade, compreendida, discursivamente, a partir dos diferentes modos de individuação do sujeito. Vale ressaltar que, o conceito de narratividade apresentado nesta pesquisa está relacionado ao que Orlandi (2017, p.30) diz: “é a maneira pela qual uma memória se diz em processos identitários, apoiados em modos de individuação do sujeito, afirmando/vinculando seu pertencimento a espaços de interpretação determinados, consoantes a específicas práticas discursivas”.

Segundo a estudiosa, a memória “disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa...” (ORLANDI, 2015, p. 29). Esse funcionamento da memória no sujeito acontece pela narratividade de acordo com os modos de individuação.

Ainda sobre individuação do sujeito, compreendemos que:

o indivíduo é afetado pela língua, e interpelado pela ideologia, constituindo a forma sujeito histórica. E a isto chamamos assujeitamento: para ser sujeito “de”, o indivíduo é sujeito “a” (língua e ideologia). Dessa forma, pelo simbólico, e determinada historicamente, se constitui a **forma sujeito histórica, a do capitalismo**, sustentada no jurídico. Uma vez constituído em sua forma histórica, a do capitalismo, com seus direitos e deveres, e sua livre circulação social, como dissemos, temos a individuação do sujeito pelo Estado... É importante considerar a individuação do sujeito, pois ela é, por assim dizer, um pré-requisito no processo de identificação do sujeito. (ORLANDI, 2014, p. 155, grifos nossos).

Nesse processo “o indivíduo é afetado pela língua e interpelado pela ideologia”, constituindo-se na “forma sujeito histórica, a do capitalismo”. Individuado pelo Estado, o sujeito identifica-se com uma ou outra formação discursiva.

1.2 Procedimentos teórico-metodológicos

A pesquisa se desenvolveu no espaço da Escola Municipal Maria Gregória Ortiz Cardoso de Porto Esperidião, por ser um município de fronteira com a Bolívia e por ter os índios Chiquitano, a instituição recebe alunos Chiquitano, tanto brasileiros como bolivianos.

O procedimento de investigação se iniciou quando, no dia 07 de março de 2019, estivemos reunidos com a diretora da instituição. Após explicarmos os objetivos da pesquisa e a importância sobre compreender como se dá o processo de identificação do sujeito aluno Chiquitano, em relação à identidade cultural do povo Chiquitano, tomando como material de análise as lendas, que foram ouvidas nas aldeias e ressignificadas por eles em outro espaço, o escolar, a diretora nos autorizou a iniciarmos a pesquisa. Ainda com a diretora, decidimos com qual turma de alunos seguiríamos com a pesquisa. Logo, foi selecionada a turma do 8º ano B com 21 alunos para serem os participantes da pesquisa. Escolhemos a turma pelo fato de ser no Ensino Fundamental II que lecionamos e por ser uma sala de aula culturalmente heterogênea, formada por brasileiros, bolivianos e indígenas (brasileiros e bolivianos), sendo 12 alunos brasileiros não índio, 8 índios Chiquitano e 1 boliviano.

No dia 11 de maio de 2019, entramos em contato com o Cacique da aldeia Fazendinha da Terra Indígena Portal do Encantado, onde pudemos esclarecer os objetivos e pedir autorização para a realização da pesquisa, de acordo com a Resolução CNS nº 304 de 2000. Assim, recebemos por escrito a declaração e autorização do Cacique.

Após uma conversa com os alunos marcamos uma reunião, com ajuda da diretora, com os pais e/ou os responsáveis no dia 18 de junho de 2019, na qual explicamos o objetivo e como a pesquisa se desenvolveria, bem como os riscos e benefícios para os participantes e, ainda, ficamos à disposição para sanar quaisquer dúvidas. Diante da aprovação dos pais e os responsáveis presentes, entregamos a eles o Registro de Consentimento Livre Esclarecido (RCLE)² e o Registro de Assentimento³ e depois de lerem com calma, entregaram-nos os documentos assinados, conforme orientação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UNEMAT.

Quanto aos procedimentos de coleta realizados, optamos pela pesquisa descritiva e interpretativa, por meio da atividade de produção escrita e oral proposta para os alunos, na qual

³ O Registro é uma exigência do Comitê de Ética em Pesquisa para todos os participantes da pesquisa, quando menores de idade é assinado pelos pais e/ou responsáveis.

⁴ O assentimento informado para a criança e adolescente, conforme exigência do CEP, não substitui a necessidade do RCLE dos pais e/ou responsáveis. O assentimento assinado pela criança e adolescente apenas demonstra a sua cooperação na pesquisa.

precisariam conversar com seus familiares para coletarem lendas, que seriam escritas e contadas para o registro dessas. A atividade foi composta, inicialmente, por uma proposta de produção escrita, seguida de uma produção oral. Afirmamos que se a coleta do *corpus* fosse no dia de hoje não tomaríamos a decisão de propor a atividade escrita, compreendemos que pelo fato de estarmos trabalhando com lendas é no momento da contação que acontece a concretização da interlocução dessas, já que a narrativa é de cunho oral, ou seja, tradicionalmente, sua transmissão dá-se pela oralidade. Sob essas condições, os alunos tiveram espaço para ressignificarem as histórias, algo não comum no ambiente escolar, com alguém que senta para ouvi-los contar, de forma parecida com a experiência que foi realizada na contação dos familiares a eles, exceto a gravação em áudio que realizamos.

Marcamos um encontro com os alunos participantes da pesquisa para o dia 21 de junho de 2019. Neste dia, estavam presentes todos os 21 alunos e entregamos a eles uma proposta de atividade de produção escrita impressa que dizia: “Caro aluno(a), você está sendo convidado(a) a participar como voluntário(a) de uma pesquisa sobre os traços de memória discursiva presente nas lendas indígenas que definem os processos de identificação do sujeito Chiquitano. Para isso, precisamos coletar inúmeras lendas indígenas que circulam no nosso município. Pedimos que você converse com seus familiares (pais, avós, tios, bisavós, etc) e ouça deles as lendas que vão te contar, depois de ouvir as histórias o próximo passo será: escrever a(s) lenda(s) no espaço abaixo e contá-las para que a responsável da pesquisa possa fazer a gravação de áudio. É importante não esquecer quem foi o seu contador(a) de lendas, dizer o grau de parentesco com você. Seus dados pessoais serão mantidos em sigilo”. Em seguida, explicamos oralmente e de forma mais simples, que se tratava de uma atividade em que eles teriam de relatar lendas indígenas que conhecessem.

Logo que nos reunimos, os alunos já queriam falar sobre seus pais, avós, tios, havia aqueles (não indígena) que estavam preocupados porque diziam não conhecer nenhum índio Chiquitano, mas também, teve o aluno (boliviano Chiquitano) afirmando que “índio é quem mora na aldeia”. Dessa forma, nossa reunião gerou uma conversa bastante significativa durante cerca de duas horas.

Os alunos tiveram uma semana para escreverem as lendas e no dia 28 de junho de 2019 coletamos os textos escritos, apenas 12. Entre estes 4 só não estavam em branco porque apresentavam o nome do aluno e dos 8 textos restantes, 3 foram escritos pelos não índio, que apresentaram distanciamento da cultura Chiquitano ao trazer personagem da mitologia grega ou por se referir ao personagem folclórico “Boto cor-de-rosa”. Nos outros 5 textos, todos de alunos Chiquitano, percebemos que estes estavam de forma incompleta ou só com a informação

sobre qual(s) lenda(s) tinham conhecimento, mas sem trazer o conteúdo da narrativa em si. A dificuldade de redigir apresentada pelos alunos na atividade de produção escrita fez com que refletíssemos sobre a proposta que elaboramos, em especial, sobre a diferença entre escrita e oralidade.

Isto nos fez retomar o funcionamento da língua de colonização, com relação a tradição oral, por isso, buscamos Celada (2011) observando que:

No seio da história de colonização e formação do país Brasil e, portanto, do processo de disjunção ou **separação linguístico-discursiva que opera na língua brasileira**, é preciso detectar e destacar um dos traços que determinam de forma específica esse processo, pois contribuirá a compreender um aspecto crucial no **funcionamento de uma identidade**. (p. 446, grifos nossos).

A colonização do Brasil reflete na “separação linguístico-discursiva que opera na língua brasileira”, a tradição oral é um dos traços deixados pelo processo de colonização que precisa ser levado em conta no funcionamento da identidade.

Retomamos Orlandi (1994, p. 31-35), para compreendermos a relação que a cultura brasileira tem com a tradição oral; nesse sentido, a estudiosa considera que a “língua falada foi a ‘língua geral’ (o *nhengatu*) e a língua escrita foi inicialmente o latim e depois o português, não tendo o *nhengatu* merecido a legitimação da sua escrita”. Dessa forma, a imposição de uma língua que não era a falada pelos brasileiros fez com que houvesse uma diferença entre escrita e oralidade, a língua falada não foi a reconhecida para a escrita, de modo que a língua falada não fazia parte da legitimação da escrita brasileira. Importante lembrar com base nas reflexões de Orlandi (1994) que, “desconhecer que houve uma língua geral e que a oralidade passou por esse processo tão singular faz com que se desconsidere um fato fundamental da cultura brasileira: a relação que esta tem com sua tradição oral.” (CELADA, 2011, p. 447).

Retornando aos textos incompletos de escrita, mas não de sentidos, dos sujeitos alunos Chiquitano, observamos a importância de se compreender a história cultural do Brasil colonizado, uma história “que mostra porque os brasileiros têm – diferentemente dos europeus – uma relação frouxa com a escrita e um forte apego à oralidade.” (ORLANDI, 1994, p.35).

Assim, passamos para o próximo passo da atividade de produção oral proposta aos alunos, a gravação da contação das lendas, logo, percebemos o funcionamento da tradição oral quando, durante o registro em áudio, os alunos traziam mais detalhes sobre as histórias por eles coletadas em família, o que foi bastante significativo. Observamos, então, que abrir espaço para ouvi-los é dar voz a esses sujeitos, permitindo que eles se posicionem diante de alguém que os ouve. Por isso, a maioria dos alunos chegava, para o registro em áudio, afirmando não saber

como contar, mas bastava alguns minutos de conversa que eles não paravam de falar, como se concretizasse a interlocução sobre as lendas tendo alguém para escutá-los, às vezes, até pediam para verificar se estava gravando mesmo, querendo observar se não estava pausada a gravação.

Ao todo foram coletados doze textos, pois não exigimos a produção dos demais uma vez que alguns demonstraram não querer continuar participando da pesquisa. Dos textos obtidos a partir da atividade escrita, quatro de autoria dos alunos Chiquitano retomaremos no segundo capítulo. Selecionamos para a análise no terceiro capítulo quatro lendas indígenas, levando em consideração a contação oral dos alunos Chiquitano. As outras produções, escritas e orais, de alunos não indígenas e indígenas não compuseram o *corpus*, pois não apresentaram lendas indígenas, mas não serão descartadas porque compreendemos que poderão ser retomadas em uma outra proposta de pesquisa.

Desse modo, analisaremos pelos discursos dos sujeitos participantes da pesquisa, textualizados nas lendas ouvidas nas aldeias e ressignificadas na escola urbana, como se dá o processo de identificação desses sujeitos, em relação à identidade cultural do povo Chiquitano.

1.3 Porto Esperidião enquanto espaço discursivo

Porto Esperidião é uma cidade mato grossense, fronteira, localizada a 322 quilômetros da capital Cuiabá. Com uma vasta extensão territorial, faz divisa com os municípios de Cáceres, Glória D' Oeste, Figueirópolis D' Oeste, Jauru, Pontes e Lacerda, Vila Bela da Santíssima Trindade e a Bolívia. De acordo com o último censo IBGE/2010, possui 11.031 habitantes. A população é constituída por povos de origem indígenas da Bolívia e por migrantes originários de outros Estados do país, principalmente, São Paulo, Minas Gerais e Mato Grosso do Sul.

O surgimento do povoado, antes chamado de Porto Salitre, hoje Porto Esperidião, tem ligação muito tênue com as ações desempenhadas por Marechal Candido Mariano da Silva Rondon, o Marechal Rondon⁴, na região. Ao assumir a Presidência da República em 1906, o então Presidente Afonso Pena, expôs a Rondon seu propósito de construir uma linha telegráfica

⁴ Marechal Rondon nasceu no distrito de Mimoso no Estado de Mato Grosso, em 05 de maio de 1865. Dedicou toda sua vida ao serviço militar e à construção de linhas telegráficas pelo interior do Brasil. Foi o primeiro Diretor do Serviço de Proteção aos Índios e Trabalhadores Nacionais. Faleceu na cidade do Rio de Janeiro em 19 de janeiro de 1958, com 92 anos.

que atingisse a Amazônia, projeto este que viria consolidar sua incorporação ao restante do país, tornando a comunicação possível.

No mesmo ano, o Marechal Rondon lançou-se à missão, após a constatação da viabilidade, criando a Comissão Construtora de Linhas Telegráficas de Mato Grosso ao Amazonas que teria como objetivo, além da construção de linhas telegráficas, os trabalhos de reconhecimento e determinações geográficas, estudo das riquezas minerais, da constituição do solo, do clima, da vegetação, dos rios, implantação dos primeiros núcleos de povoação, lavouras e pecuária.

Segundo Siqueira, Machado e Ávila (2016, p.21):

No dia 24 de fevereiro de 1908, foi inaugurado o ramal Cáceres-Vila Bela da Santíssima Trindade, assim como as Estações Telegráficas de Pontes e Lacerda, Porto Esperidião e Diamantino. No dia 7 de setembro, com grande festa, foi a vez do Acampamento do Juruena, constituído de 52 praças, sob o comando do Tenente José Joaquim Ferreira da Silva.

Foi, justamente, na construção das linhas telegráficas que às margens do rio Jauru, no ponto chamado Salitre uma referência às salinas que ali se encontravam, a Comissão Rondon instalou um posto telegráfico dando início ao povoado de Porto Salitre.

A denominação Porto Salitre, mais tarde, passou a ser Porto Esperidião, oficialmente em 1920. Uma homenagem feita por Marechal Rondon ao engenheiro Dr. Manoel Esperidião da Costa Marques⁵, falecido prematuramente em 1906, vitimado de malária, durante uma expedição para medição e demarcação de seringais na região do Guaporé. O que fez com que por alguns dias ficasse ancorado no rio Jauru, em Porto Salitre, região que Esperidião Marques já conhecia pois, em 1898, havia estudado as condições de navegabilidade do rio Jauru e aberto estradas de rodagem.

Durante sua última expedição, Esperidião Marques fez importantes anotações:

Os **camaradas dos bolivianos**, índios chiquitanos, são alimentados exclusivamente a milho, que às vezes falta e a fome vem. Quando um desses **infelizes** adocece, o caldo que se lhe dá, em estado grave, é feito do pó de milho torrado e água quente. Pode-se dizer que chiquitano doente é chiquitano morto. **Até há falta de humanidade.** (MARQUES, 1908, p. 11, grifos nossos).

⁵ Dr. Manoel Esperidião da Costa Marques nasceu na cidade de Poconé, em Mato Grosso no ano de 1859. Firmou residência na cidade de Cáceres, entrou para a política filiando ao partido conservador, no qual foi eleito deputado geral, podendo fazer parte da criação da lei 13 de Maio, que aboliu o elemento servil. Faleceu no dia 18 de abril 1906, durante uma das suas expedições de exploração da região do Guaporé.

Durante os estudos sobre os seringais da região, percebemos entre os trabalhadores, a presença de bolivianos e aqueles chamados “camaradas dos bolivianos”, os índios Chiquitano, o que nos afirma a existência desses povos na região dos rios Jauru e Guaporé. Causa-nos espanto o modo como eram vistos, pois, apesar de serem chamados de “camaradas”, eram considerados de maneira desigual, pois tinham uma alimentação restrita, seus valores eram vistos apenas para o trabalho e quando saudáveis, espanta-nos, também, a forma como o próprio autor do texto, sujeito do discurso, refere-se aos índios chamando-os de “infelizes”, o que de certo modo, denuncia as condições desumanas às quais eram submetidos. É dessa forma que aparecem significados nesse discurso, quando o autor se reporta aos índios, que adoeciam e não recebiam tratamento e nem alimentação adequada, e afirma: “Até há falta de humanidade”.

Após o legado histórico de Esperidião Marques e Marechal Rondon, Porto Esperidião foi desmembrado do município de Cáceres e tornou-se município pela Lei Estadual nº 5.012, no dia 13 de maio de 1986. O Posto Telegráfico instalado por Rondon foi desativado em 1950 e tombado pela Fundação Cultural de Mato Grosso, passando a fazer parte do Patrimônio Histórico do Estado, através das Portarias 64 e 65/83, publicadas no Diário Oficial de 09 de janeiro de 1984. Atualmente, recebe o nome de Museu Rondon e seu prédio abriga a Secretaria Municipal de Cultura.

Porto Esperidião possui 13 escolas, dentre elas 7 pertencem ao município e 5 são estaduais, das quais duas são indígenas. Na sede do município, encontram-se apenas 3 escolas, as outras, inclusive as indígenas, estão localizadas na zona rural. Dessa forma, direcionamos nossa atenção para a disposição de uma das escolas da sede, que é o nosso espaço de pesquisa.

1.4 Identidade cultural indígena Chiquitano e o espaço escolar

A criação da Escola Municipal foi um projeto de Lei do Executivo Municipal em 1999, e o nome da Escola Municipal como “Maria Gregória Ortiz Cardoso” foi por indicação do Poder Legislativo, apresentada pelo Vereador Paulo Martins.

De acordo com o Projeto Político Pedagógico (PPP) (2019, p. 6), no ano de 1999, a Escola Municipal Maria Gregória Ortiz Cardoso foi criada pelo Decreto Municipal 005/99 de 31 de março de 1999. Foi construída na zona urbana do município de Porto Esperidião, com 04 salas de aula para atender 84 crianças matriculadas no Ensino Fundamental de 1ª a 4ª Séries, a partir de 01 de janeiro de 1999, conforme a Resolução 086/99-CEE/MT de 15 de setembro de 1999. Em 2001, com a aquisição de três lotes vizinhos, a escola passou por um processo de

ampliação com a construção de 05 salas de aula, cozinha, refeitório e sanitários, podendo assim, a partir de 01 de janeiro de 2002, estender a oferta de 1ª a 8ª séries do Ensino Fundamental, conforme a Resolução 295/02 – CEE/MT de 13 de dezembro de 2002.

Atualmente, a escola está devidamente autorizada pela Resolução nº. 707/2008 – CEE/MT e credenciada pela Portaria nº 413/20082008 – CEE/MT para o atendimento de 420 alunos. Hoje, o total é de 401 alunos matriculados de 1º ao 9º Ano do Ensino Fundamental, nos turnos matutino e vespertino, distribuídos em 20 turmas. Sua estrutura física é composta por 12 salas de aula, 01 laboratório de informática com acesso à internet e com 20 computadores, 01 secretaria, 01 sala de coordenação, 01 sala de professores, 01 biblioteca improvisada, 01 sanitário para funcionários, 02 sanitários para alunos, (01 feminino com 04 cabines) e (01 masculino com 03 cabines), 01 refeitório, 02 bebedouros com filtros a base de carvão mineral e 01 quadra esportiva coberta. O quadro de funcionários da escola é formado por 24 docentes, ambos habilitados em suas áreas de atuação, 01 técnico administrativo, 04 merendeiras, 04 agentes de serviços gerais, 03 vigias, 01 professor que se encontra em desvio de função, que atua como técnico de biblioteca e 01 professor que se encontra em readaptação, que atua como técnico de laboratório de informática.

Vale destacar que o nome dado à escola, por indicação do Poder Legislativo, retoma memórias de pessoas históricas do município, uma vez que se fez uma homenagem a dona Maria Gregória Ortiz Cardoso. Dona Góia, como era conhecida, nasceu no dia 09 de maio de 1916, na fazenda Santo Antônio, município de Vila Bela da Santíssima Trindade, filha do casal de Bolivianos Manoel Ortiz e Luzia Añes Ortiz e, aos 15 anos de idade casou com o senhor Nestor Cardoso Leal, em uma localidade chamada Cusis-Bolívia, em 25 de março de 1931. O casal Maria e Nestor residiram no município de Vila Bela da Santíssima Trindade até o ano de 1952, quando se mudaram para o município de Cáceres, para a comunidade conhecida como patrimônio de Porto Esperidião, onde adquiriram as fazendas Sesmaria Poções e Córrego D'água ou Pantanal do Pasto. Com nove filhos legítimos, ainda criaram em torno de cinquenta pessoas, todas tratadas e consideradas como filhos.

Diante dessas memórias, compreendemos a relação de Dona Góia com o processo educacional de Porto Esperidião, principalmente com a busca de acesso à educação para aqueles que ali viviam, sem distinção de cor, classe social, etnia. Segundo o Projeto Político Pedagógico:

[...] Dona Góia e seu esposo sempre exerceram a atividade de pecuária, mas consciente da importância da educação na vida de cada um de nós e como forma de contribuição com o processo educacional até então muito limitado,

o casal sempre acolhia nas suas fazendas um professor ou professora, a quem o casal pagava para ministrar aulas às crianças filhos de seus empregados, agregados e vizinhos que por ali residiam. (PPP, 2019, p. 07).

A preocupação do casal em conseguir levar a educação para as crianças da região, mesmo não sendo eles responsáveis politicamente por tal atitude, nos remete à merecida homenagem à Dona Maria Gregória Ortiz Cardoso nome dado à escola municipal da sede.

Também temos nos debruçado sobre as marcas históricas e culturais de povos de diferentes raças existentes, de modo muito real e presente no município de Porto Esperidião, consequentemente no espaço da pesquisa, a Escola Municipal Maria Gregória Ortiz Cardoso.

[...] com uma população restrita, **na sua maioria descendente de Bolivianos**, com casas pequenas e simples, havia também o destacamento do Exército Brasileiro, o Departamento Nacional de Estradas de Rodagem (DNER) e as instalações do Posto de Correio e Telégrafo, fundado pelo Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon. (PPP, 2019, p. 07, grifo nosso).

Uma população de diferentes origens era a que povoava Porto Esperidião na época em que Dona Góia e sua família vieram se instalar na região, mas que “na sua maioria descendente de Bolivianos”, são as mesmas origens dos alunos que hoje frequentam a Escola Maria Gregória Ortiz Cardoso. Assim como a própria Dona Maria Gregória nasceu de uma família boliviana, tantos outros alunos vêm da mesma origem, tornando a escola um espaço de povos de diferentes origens. Sabendo da presença de povos bolivianos no município, logo podemos destacar, também, a presença de alunos Chiquitano, já que os índios da etnia Chiquitano são originários da Bolívia.

Conforme Silva (2017, p. 15), os alunos que frequentam as escolas da zona urbana de Porto Esperidião-MT

são provenientes de uma sociedade heterogênea, formada por migrantes de várias partes do Brasil, de origem principalmente das regiões Sul, Sudeste. Há alunos da zona urbana e da zona rural e há também descendentes de nativos (indígenas), o povo Chiquitano, imigrantes da Bolívia, tendo em vista que o município faz fronteira com esse país vizinho.

O povo Chiquitano reside em aldeias na zona rural e na zona urbana do município; é comum haver alunos Chiquitano na Escola Municipal Maria Gregória Ortiz Cardoso. O que nos fez refletir com o Projeto Político Pedagógico é a ausência da história e cultura Chiquitano no ensino da escola.

Na proposta curricular apresentada, observamos:

A afirmação de sua identidade **em relação ao coletivo** no qual se inserem resulta em formas mais ativas de se relacionarem com esse coletivo e com as normas que regem as relações entre as pessoas dentro e fora da escola, pelo reconhecimento de suas potencialidades e pelo acolhimento e pela **valorização das diferenças**. (PPP, 2019, p. 12, grifos nossos).

A escola prioriza a importância de afirmar sua própria identidade “em relação ao coletivo” no qual está inserida, além da “valorização das diferenças”, que seria a identidade cultural. Nesse caso, destacaríamos o aluno Chiquitano que está presente na escola, é parte do “coletivo”, portanto, acolher e valorizar as diferenças é dar visibilidade para a identidade cultural desses alunos, de forma que ela apareça e não seja apagada diante das relações com outra(s) cultura(s), reconhecendo as diferentes identidades culturais presente no espaço escolar, ou seja, identidade cultural de alunos não indígenas e alunos indígenas.

Em relação à identidade do aluno, recorremos ao que nos diz Silva (2016, p. 63):

Para atender ao ensino pensado como forma de garantir a construção da identidade do aluno como sujeito do conhecimento e da(s) língua(s), a formação de professores precisa ir além do imediatismo das capacitações, ou seja, formar o professor para atuar além das competências, vistas como um meio de suprir as necessidades dos alunos.

Assim, compreendemos que para garantir a identidade do aluno, é preciso que a escola esteja preparada para atender as suas necessidades, inclusive a de valorização da sua identidade cultural.

Com toda a certeza da presença de alunos Chiquitano, a escola silencia à existência desse sujeito no espaço educativo, pois sua presença não é notada uma vez que se fala em valorizar as diferenças de modo genérico, ou melhor, indeterminado. Observamos que a cultura Chiquitano não é mencionada na proposta curricular, isso nos faz questionar: não há presença de aluno Chiquitano na escola? não há necessidade de afirmação da identidade cultural dos alunos? a cultura indígena só pode/deve ser pensada na escola indígena?

A existência do aluno Chiquitano na escola continuará silenciada enquanto a proposta curricular mencionar as relações entre pessoas, a importância da afirmação de identidade e valorização cultural na escola, sem mencionar a existência de outros povos na referida região, em especial do povo Chiquitano.

Podemos inscrever essa ausência de especificação no processo do qual fala Orlandi (2008, p. 66):

Esse **processo de apagamento do índio** da identidade cultural nacional tem sido escrupulosamente mantido durante séculos. E se produz pelos

mecanismos mais variados, dos quais a linguagem, com a violência simbólica que ela representa, é um dos mais eficazes. (grifos nossos).

Para a autora, o “processo de apagamento do índio” se mantém durante séculos, nesse processo estão as ações de silenciamento do Estado sobre a existência do sujeito índio. Segundo Orlandi (2008), em relação à identidade cultural, o índio é excluído totalmente pelo Estado desde a colonização, sendo que somente os portugueses são considerados nossos antepassados. Os sentidos produzidos por esse apagamento se atualizam, frequentemente, nos discursos e ações como da escola que silencia a presença de alunos Chiquitano. Ainda nos diz Orlandi (2008, p. 69) que o apagamento é ideológico e que “não está marcado em lugar nenhum como tal. Funciona através dos silêncios, de práticas que o atestam, mas que não se expõe como tal”, pois um discurso não traz em si apenas o que está dito, mas também, o que não está dito, nesse caso o apagamento da existência do aluno Chiquitano na escola.

Compreendemos que a escola, mesmo prezando pela valorização das diferenças e a afirmação de identidade de cada um, não traz a identidade cultural indígena, nesse caso o índio Chiquitano, colaborando para o “processo de apagamento” afirmado por Orlandi. Deixando, então, de modo silenciado a presença do aluno Chiquitano.

CAPÍTULO II

2. SUJEITO E INSTITUIÇÃO: IDENTIFICANDO A FORMA-SUJEITO

Para refletir sobre o modo como o sujeito aluno Chiquitano se significa e é significado em um outro ambiente que o de sua descendência, é preciso pensar no município de Porto Esperidião-MT como sendo um outro espaço de habitação, pois o município faz fronteira com a Bolívia e, em virtude do livre traslado, tem sido um lugar bastante ocupado pelo povo Chiquitano. Desse modo, consideramos pertinente descrever quando esse processo se iniciou, bem como as suas condições de produção estritas e mais amplas, ou seja, as condições sócio-históricas, políticas e ideológicas.

Como analistas de discurso, entendemos que não há processos de identificação do sujeito sem a interpelação da ideologia; por isso, tomamos como fonte de pesquisa trabalhos de antropólogos, historiadores, especialistas de outras áreas, com os quais nos interessa estabelecer uma interlocução, para melhor compreender de que modo a região de fronteira foi se tornando o habitat desse povo e o contato com outros povos foi modificando sua maneira de se relacionar com a natureza e a sociedade.

2.1 As Missões dos Jesuítas

Nessa direção, destacamos que alguns dados históricos dão conta que, desde o século XVII, os Chiquitano ocupam os dois lados da fronteira entre Brasil e Bolívia. Conforme Garcia (2010, p. 50-51):

O que hoje se reconhece como povo indígena Chiquitano é uma amálgama de vários grupos aldeados por **missões religiosas durante os séculos XVII e XVIII** na chiquitania, localizada entre a margem esquerda do rio Guaporé e na direita do alto rio Paraguai, ao norte da estrada de ferro Porto Quijarro – Santa Cruz de La Sierra. (grifos nossos).

Logo, o termo Chiquitano, variação de Chiquitos, foi usado para denominar todos os povos reduzidos pelos Jesuítas, na Missão de Chiquitos - Bolívia, entre 1691 e 1767. Chiquitos foi o nome usado durante muito tempo pelos religiosos para identificar aquela gente reunida pela Missão, já que Chiquitano, somente passou a ser usado no século XX como nome para a população indígena.

Chamamos a atenção aqui para a atuação dos Jesuítas com os povos reduzidos nas “missões religiosas durante os séculos XVII e XVIII”. A atuação dos Jesuítas tem relação com o processo de identificação do sujeito Chiquitano, são elementos do catolicismo, tais como os Santos que, ainda hoje, estão presentes no modo de vida dos índios, nas manifestações festivas de comemorações em dias “santos”. Quando falamos sobre a influência dos Jesuítas na cultura Chiquitano, remetemos ao que ponderou Orlandi (2008, p. 153) em seus estudos sobre a função dos padres na época colonial:

Na catequese, eram interpretes na relação dos índios com a colonização (povoamento, tomada de terra, governo, etc.). Ao mesmo tempo em que “salvavam” a alma do índio, controlavam as formas de contato dos índios com a civilização ocidental.

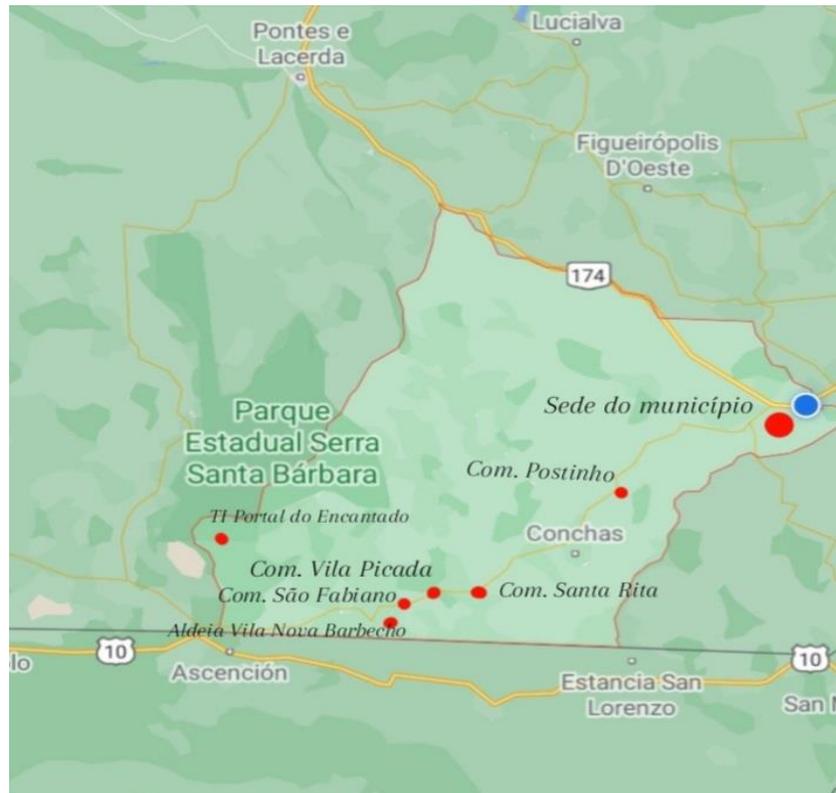
Para a autora, a relação dos padres com os índios na época da colonização foi uma relação que deixou marcas na identidade cultural dos povos indígenas. Com relação aos índios Chiquitano que foram aldeados pelas Missões dos Jesuítas, compreendemos que as marcas deixadas pelos padres se manifestam na cultura do povo Chiquitano, principalmente quando observamos as comemorações católicas de Porto Esperidião, como o dia 13 de maio que celebra o dia da padroeira do município, Nossa Senhora de Fátima, que se estende até suas aldeias.

Pacini (2012, p. 173), por exemplo, relata o que os Chiquitano dizem sobre os Santos: “... São João Batista é dono do fogo; Santa Bárbara, dos raios; Nossa Senhora da Conceição, das águas etc. e todos estes elementos fazem parte de suas relações e de seus corpos.”. Dessa forma, mesmo que a cosmologia tradicional Chiquitano se mantenha presente, o catolicismo também é frequentemente praticado e inserido em suas crenças e rituais.

2.2 Negação da identidade cultural do povo Chiquitano

Atualmente, em Porto Esperidião os índios Chiquitano residem em comunidades na zona rural, em aldeias na Terra Indígena Portal do Encantado, na Terra Indígena Barbecho-Vila Nova Barbecho (em processo de demarcação, ainda não declarada) e na zona urbana do município, conforme o Mapa 1.

Mapa 1: Localidades com presença de Chiquitano em Porto Esperidião.



Fonte: Google Maps

É possível observar a presença de Chiquitano, também, em outras localidades do município, ainda de acordo com Silva (2012, p. 120):

Há uma variedade de estabelecimentos Chiquitanos; aldeias (localmente identificadas como ‘comunidades de bugres’), agrupamentos em beiras de estradas (resultante de processos de expulsão de terras tradicionais antes do reconhecimento da FUNAI - Fundação Nacional do Índio), estabelecimentos juntamente com os destacamentos militares. Há, também, uma população de Chiquitanos urbanizados nas cidades de Porto Esperidião, Cáceres e Vila Bela da Santíssima Trindade, cujo número se desconhece.

Observamos que o povo Chiquitano também se encontra em outras cidades circunvizinhas a Porto Esperidião. Ainda, há aqueles moradores da cidade e, até mesmo, de algumas comunidades rurais do município que não se autodeclaram índio Chiquitano.

Outras comunidades, apesar de terem sido visitadas e identificadas por antropólogos e outros técnicos, a exemplo da comunidade de São Fabiano, se recusam a assumir a identidade indígena. **Muitas vezes impedidos de constituírem famílias nos espaços habitados pelos pais e, ainda, levados pela necessidade pela formação escolar e pela busca de novas oportunidades de trabalho**, muitos Chiquitano foram se instalar nas cidades vizinhas às suas comunidades. (SANTANA, 2012, p. 41-42, grifo nosso).

Segundo a autora, há comunidades cujos sujeitos não aceitam ser identificados como indígenas; entendemos que essa recusa em se autodeclarar Chiquitano, é algo que merece atenção, por esse fato retomaremos a questão mais à frente. Outro ponto abordado pela autora são os motivos que levam os Chiquitano a saírem das suas comunidades e aldeias para fixar moradia na cidade, segundo ela, por serem “muitas vezes impedidos de constituírem famílias nos espaços habitados pelos pais” ou na busca “pela formação escolar” ou mesmo “pela busca de novas oportunidades de trabalho”, questão que trataremos mais adiante, ainda nesse capítulo.

Esses motivos ou outros possibilitam a presença de alunos Chiquitano na Escola Municipal Maria Gregória Ortiz Cardoso, localizada na zona urbana, sede do município.

Em relação à questão da recusa em se autodeclarar Chiquitano, percebemos que o fato ocorre nas aldeias, mas principalmente com os residentes da cidade. Verone Cristina da Silva, em sua tese, refletiu sobre o assunto:

A autodesignação chiquitano não é consenso em nenhuma das aldeias em Mato Grosso. E, ainda, alguns Chiquitano se sentirão insultados ao serem chamados de índios, fato que pode ocorrer até mesmo entre membros de famílias que possuem relações de parentesco, compartilham mitos e rituais. (SILVA, 2015, p. 78).

Conforme relata a autora, há Chiquitano que se sente insultado quando é considerado índio, o que acontece até mesmo com algum integrante de uma mesma família. Comprendemos que, ainda hoje, é comum encontrar sujeito, com sobrenome Chiquitano, que recusa a ser designado como índio. Tomamos nossa experiência de convivência social local como base para nossa reflexão, assim podemos mencionar situações em que por vezes presenciamos, situações nas quais os sujeitos não aceitam ser considerados índios Chiquitano e garantem que apenas os parentes são índios.

Durante a gravação da contação das lendas, um dos alunos, para falar sobre a origem ética de sua mãe, disse: “minha mãe é Chiquitano, eu, eu mesmo não sou, ela já morou na aldeia, eu não”. No discurso do aluno, observamos a negação da sua origem indígena, origem que para ele só é confirmada para aquele que reside/residiu na aldeia, sendo assim somente a mãe é considerada, por ele, Chiquitano.

Quando pensamos a negação, recorremos a Indursky (1990) para entendermos o conceito de “denegação discursiva”, que ela define esclarecendo que:

[...] a denegação discursiva relaciona-se com a interioridade da FD e com o todo como o sujeito com ela se relaciona. Assim, seu efeito não é polêmico. Ao incidir sobre um elemento de saber que pode ser dito pelo sujeito do discurso, mas que, mesmo assim, por ele é negado, tal elemento **permanece**

recalcado na FD, manifestando-se em seu discurso apenas **através da modalidade negativa**. (p. 120, grifos nossos).

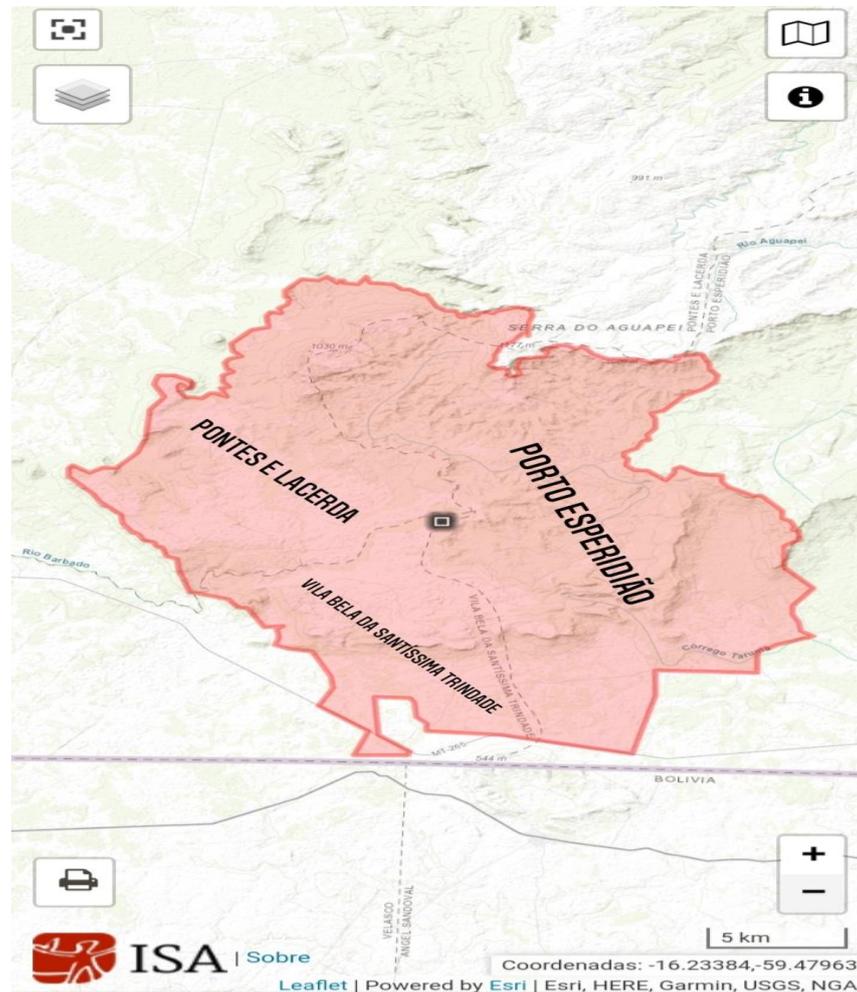
Em sua formulação, Indursky nos diz sobre a denegação estar relacionada a formação discursiva (FD) em que o sujeito está inserido. Assim, o elemento negado pelo sujeito “permanece recalcado na FD”, e no discurso só é percebido “através da modalidade negativa.” Por isso estamos entendendo como denegação da origem étnica o sujeito Chiquitano que não se reconhece como tal, num discurso atravessado por outros discursos. O discurso de denegação evidencia a presença de discursos outros, seja pela convivência com o não índio, seja pela relação com a escola urbana em que os sujeitos alunos Chiquitano estão matriculados.

Hoje, no município de Porto Esperidião, há somente uma Terra Indígena declarada em 2010, a Portal do Encantado, de acordo com a Fundação Nacional do Índio:

O Ministro da Justiça, Luiz Paulo Barreto, assinou portaria, publicada no Diário Oficial da União desta quinta-feira, 31 de dezembro, declarando a Terra Indígena Portal do Encantado de posse permanente do grupo indígena Chiquitano. A terra, com superfície aproximada de 43 mil hectares e perímetro de 121 km, está localizada nos municípios de Pontes e Lacerda, Porto Esperidião e Vila Bela da Santíssima Trindade, estado de Mato Grosso, fronteira com a Bolívia.

Segundo dados da Funai - Fundação Nacional do Índio, a Terra Indígena Portal do Encantado abrange não só o município de Porto Esperidião, mas também, Pontes e Lacerda e Vila Bela da Santíssima Trindade, conforme podemos ver no Mapa abaixo em destaque:

Mapa 2: Localização da Terra Indígena Portal do Encantado.



Fonte: <https://www.socioambiental.org/pt-br>.

Cabe observar que, na Terra Indígena Portal do Encantado, estão localizadas as aldeias Fazendinha, Acorizal, Paama e Pisiorch Nautikis e, ainda, há a luta por uma outra Terra pertencente ao município de Porto Esperidião, a Vila Nova Barbecho, que até o momento dessa pesquisa, não fora declarada Terra Indígena.

2.3 Resistência da cultura tradicional: o Chiquitano e a cosmologia

A declaração da Terra Indígena produz alguns sentidos, como de reconhecimento, valorização, moradia, sustento, entre outros, e também de identidade cultural dos índios Chiquitano. A nomeação dada a Terra, Portal do Encantado, traz em si referência à cosmologia tradicional Chiquitano, na qual é comum falar sobre o que é encantado, misterioso, como observamos na análise das lendas contadas pelos alunos Chiquitano que estudam na Escola

Maria Gregória Ortiz Cardoso, situada na sede do município de Porto Esperidião. Sobre essa relação com o sobrenatural, invisível presente no discurso da lenda, Orlandi (2017, p. 55) diz:

Com o “outro”, o “**Outro**” (**plano do invisível**), na maneira como se estrutura e acontece a lenda, produz-se o assombro. Em outras, está na presença do Outro os sentidos que constituem o assombro. [...] O que “não sabemos”, o “estranho”, pode **ser interpretado como** sendo **a presença do Mal**, em nós mesmos. (grifos nossos).

Segundo a autora, o “Outro” que pertence a um “plano invisível”, sobrenatural, de outro mundo, o espiritual, tem relação com o que é misterioso pra o sujeito, podendo “ser interpretado como” “a presença do Mal”. Isso nos remete à cosmologia Chiquitano, onde percebemos a presença de seres encantados, misteriosos que são tomados como “donos” da mata, dos animais, das serras, das águas, enfim, “donos” de tudo que se encontra na natureza entre céu e terra. Como afirma Pacini (2012, p. 144), que durante sua pesquisa diz encontrar, “em diferentes oportunidades, o aspecto dos seres protetores dos animais, montanhas, águas e outros entes chamados *hitchis*”. Esses seres espirituais, “hitchis”, são responsáveis por transformar humanos em animais, como onça, anta, lobete ou mesmo fazê-los desaparecerem misteriosamente; assim, quando o índio Chiquitano não respeita a natureza é transformado pelo “dono”, protetor daquele local, como forma de castigo, principalmente se insistir em querer “atravessar o portal” que separa os seres encantados dos humanos. É o invisível, o “Outro”, que traz o mal.

Cabe lembrar, que compreendemos que o índio, em princípio, possui uma formação histórica, ideológica e social distinta do modo como se caracteriza a forma-sujeito histórica capitalista. Acolhemos a observação de Soares (2016, p. 37) quando afirma que:

[...] as leituras sobre a constituição do sujeito nos fazem compreender que o índio contemporâneo catequizado, administrado pelo Estado jurídico, interpelado pela ideologia capitalista, é deslocado para a forma-sujeito histórica capitalista.

Assim, conforme a autora, o índio contemporâneo não está livre de ser interpelado pela ideologia capitalista por ser individuado pelo Estado, sofrendo em seu processo de constituição o deslocamento para a forma-sujeito histórica capitalista, assim, individuado, o sujeito “é que vai estabelecer uma relação de identificação com esta ou aquela formação discursiva.” (ORLANDI, 2017, p. 228). Em outras palavras, na relação necessária com o Estado jurídico o índio Chiquitano torna-se um sujeito de direitos e deveres, inscrito em uma dada formação discursiva que se assujeita, mas também é determinado na sua posição sujeito na sociedade.

Quando refletimos sobre o índio contemporâneo ser interpelado pela ideologia, estamos, também, pensando o que Souza (1994, p. 36) diz sobre o efeito da ideologia ser “da ordem do imaginário (ideológico), daí a unidade da identidade do sujeito índio se instala exatamente no bojo da contradição, ou melhor, no bojo do interdiscurso, constituído pelo complexo de formações discursivas.” Por isso que ao pensar o discurso indígena, também, precisamos considerar as condições de produção no contexto sócio-histórico e ideológico, e não somente no momento da enunciação, conforme nos orienta Orlandi (2015), quando nos diz que as condições devem ser consideradas em um sentido estrito, o contexto imediato, assim como em um sentido amplo, o sócio-histórico e ideológico.

2.3.1 Resistência da cultura tradicional: a aldeia e a cidade

Ao longo desse período de convivência do povo indígena com outros povos e, em especial o trabalho de evangelização dos jesuítas, os discursos inscritos no funcionamento do capitalismo passaram a atuar em seu processo de constituição. O índio Chiquitano tornou-se fiel a divindades espirituais, e os seus descendentes passaram a se deslocar das aldeias em busca de lugares que pudessem lhes oferecer moradia, emprego, educação, lazer, etc.

A presença das escolas indígenas garante o ensino às crianças e adolescentes, sem que estes precisem sair das aldeias. Contudo, o Ensino Superior só é acessivo para aqueles que residem na cidade, sendo esse um dos motivos que Silva (2015, p. 35) relata sobre o crescente números de famílias em bairros urbanos de algumas cidades mato grossense:

Com atenção especial aos municípios de Porto Esperidião, Cáceres, Vila Bela da Santíssima Trindade e Mirassol D’ Oeste, e atualmente, em Cuiabá, para onde seguem em busca de tratamentos de doenças, recebimentos de benefícios sociais e aposentadorias. Atualmente, tem crescido a presença de estudantes chiquitano na Universidade Federal de Mato Grosso.

Em concordância às reflexões de Silva sobre o deslocar da aldeia para residir na cidade, podemos dizer que os jovens Chiquitano têm buscado cada vez mais a formação superior o que mostra sua presença não somente na Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT, como também, na Universidade do Estado do Mato Grosso – Unemat.

Se agora a busca é pelo Ensino Superior, antes era pelo Ensino Fundamental e Médio, conforme relatou o aluno, contador da Lenda 1, durante a gravação:

Podemos dizer professora que minha mãe veio morar com uma tia. Com 13 anos ela veio ficou morando e estudando até que ela minha mãe foi estudar num colégio de freira, mas ela não virou freira. Daí ela voltou nesse tempo conheceu meu pai e daqui ela não saiu por isso ela não morou mais na aldeia.

Quando o jovem sai da aldeia para estudar corre o risco de não voltar, como aconteceu com a mãe do aluno. Muitas vezes, é a relação de compadrio que traz essas jovens para a cidade, como relata Duarte (2014, p. 106) ao afirmar que essa relação “possibilitava que crianças Chiquitano, especialmente as meninas, viessem a viver com outras famílias nas cidades com o objetivo de estudarem e realizarem atividades domésticas.” Refletindo a fala do aluno e o que relata Duarte, percebemos que essa ainda é a realidade dos jovens Chiquitano que desejam estudar, hoje falando do Ensino Superior, uma vez que o Ensino Fundamental e Médio é ofertado nas escolas indígenas, não precisando sair das aldeias. O Ensino Superior faz com que seja necessário residir na cidade da própria Universidade ou em outra cidade que tenha acesso ao transporte público para irem a Universidade, como é o caso do município de Porto Esperidião.

Outro motivo, bastante significativo, responsável pela saída dos Chiquitano das aldeias, é o trabalho. Recorremos à pesquisa de Aloir Pacini para pensar a transição da população indígena para a cidade:

Geralmente um filho vai para a cidade trabalhar e consegue um lote. Assim chama os irmãos e os pais sofrem em deixar as suas coisas, mas acabam decidindo ficar com os filhos, principalmente quando as forças para o trabalho vão diminuindo. (2008, p.17).

A pesquisa de Pacini mostra que a transição da aldeia para a cidade se dá pela busca de trabalho, o Chiquitano migra para a cidade e quando consegue estabilidade de moradia acaba por levar os irmãos para morarem juntos na cidade. O que facilita os jovens saírem da aldeia para estudarem é justamente ter alguém da família já morando na cidade.

Recorremos, novamente, a Duarte (2014) para pensar que a busca por trabalho na cidade traz sentidos que nos remete a questão da reivindicação por direito de permanecerem em seu território tradicional, o que fez com que:

Diante dessas reivindicações, as forças do capital privado, presentes na região, que variam entre grandes, médias e pequenas propriedades rurais, se articularam para desqualificar os índios Chiquitanos, questionando sua identidade étnica e sua nacionalidade.

O clima de instabilidade entre os indígenas, fazendeiros e militares levou ao rompimento de antigas relações de trabalho e “amizade”. Comumente era possível identificar os Chiquitanos trabalhando nas fazendas da região em troca de pequenos salários. Com o advento de sua reivindicação na

demarcação de seu território ancestral, a oferta de trabalho foi parcialmente suspensa, obrigando muitos a se deslocarem para as cidades próximas, destacam-se as cidades de Cáceres, Porto Esperidião e Vila Bela da Santíssima Trindade, em busca de manterem sua subsistência e de suas famílias. (p.106).

Diante dessas reivindicações, conforme a pesquisadora, as oportunidades de trabalho para os Chiquitano diminuíram, principalmente nas fazendas localizadas ao redor de suas moradias, uma vez que o povo indígena recorreu ao direito do território tradicional. A escassez das ofertas de trabalhos próximos às aldeias faz com o índio migre para a zona urbana do município, até mesmo para cidades de outros municípios vizinhos.

Como dito anteriormente neste capítulo, apenas a Terra Portal do Encantando é declarada Indígena, a Terra Indígena Barbecho-Vila Nova Barbecho encontra-se em processo de demarcação. Desde 2010, as famílias que vivem na aldeia Vila Nova Barbecho passaram a se sustentarem com apenas 25 hectares de terra, conforme o registro de Silva (2015, p. 42):

Em 2010, uma audiência pública foi realizada no município de Cáceres-MT, e contou com a presença da FUNAI, do fazendeiro e dos Chiquitano, que resultou na redução da área de 325 ha, já garantido aos indígenas, para 25 ha. Ainda hoje a TI Barbecho-Vila Nova Barbecho não foi identificada pelo Grupo de Trabalho da FUNAI e os Chiquitano continuam sofrendo constantes ameaças.

De acordo com o registro de Silva, a diminuição do território da aldeia Vila Nova Barbecho foi impactante para a sobrevivência das famílias indígenas, manter o sustento com apenas 25 hectares tornou-se algo impossível. Resultado da redução do território é a busca de sustento fora da aldeia, migrar para cidade é uma opção.

A saída da aldeia Vila Nova Barbecho para buscar o sustento familiar é indispensável, uma vez impossibilitados de sair da aldeia, as famílias passam por necessidades. Nesse momento atual, de pandemia, o povo Chiquitano se isolou nas aldeias. Na Vila Nova Barbecho a sobrevivência ficou insustentável, ao ponto de ser necessário a campanha de apoio às famílias Chiquitano. No dia 08 de setembro de 2020, a campanha foi divulgada e compartilhada nas redes sociais, a equipe organizadora é formada por índios Chiquitano residentes da aldeia. Em um trecho da legenda, os membros da equipe organizadora explicam o motivo pelo qual estão necessitando de ajuda com alimentos e produtos de higiene:

Nós vivemos em uma área de 25 ha e sofremos muito pela falta da demarcação do nosso território que é fundamental para nós. Passamos por diversas necessidades como: espaço extremamente insuficiente para poder caçar, pescar, plantar e colher para ter nosso sustento, e principalmente a violação dos nossos direitos de povos originários à terra garantidos na Constituição Federal de 1988.

<https://www.facebook.com/pnsdefatimaporto>

O trecho da campanha reforça a compreensão para a necessária migração dos índios para a zona urbana do município de Porto Esperidião, bem como para outros municípios da região, com o intuito de buscarem trabalho que possibilite o sustento familiar, visto que não conseguem manter o sustento com cultivo de alimentos em uma área territorial que de 325 hectares passou à 25 hectares. Espaço insuficiente para caça, pesca e cultivo das famílias.

O movimento de sair da aldeia para residir na cidade é a afirmação da presença de alunos Chiquitano nas escolas urbanas não indígenas. A transição e a permanência na escola urbana permitem ao sujeito aluno Chiquitano uma relação com discursos outros, inscritos em formações discursivas distintas, de forma que ele possa identificar ou não com tais formações discursivas.

2.4 A posição-sujeito na incompletude da estrutura textual

A Escola, enquanto instituição, é responsável pelo processo de individuação do sujeito, conforme reconhece Silva e Pfeiffer (2014, p.89), “a Escola é uma instituição da modernidade, em que se dão confrontos e alianças de forças, que não são individuais, nem universais, mas que se organizam em determinadas materialidades, produzindo efeitos de sentido, efeitos ideológicos.”. As autoras, ainda, continuam afirmando que como instituição do Estado, é na escola “que se dão processos de individuação do sujeito na relação com a escrita e com o conhecimento.” (*Ibidem*, p. 93). Segundo as estudiosas, a escola faz parte do processo de individuação do sujeito pelo Estado, é na relação com metodologias, teorias e tecnologias que esse sujeito é individualizado, enquanto pertencente a uma sociedade capitalista.

Conforme dissemos no primeiro capítulo, o *corpus* de pesquisa foi constituído a partir da proposta de atividade de produção escrita e oral. A solicitação da produção escrita aos alunos

foi feita em folha de papel A4, na qual eles deveriam redigir a lenda que conheciam. E a oral se deu a partir do relato individual do aluno com registro feito por meio de gravação de áudio.

É importante destacar que alguns textos resultantes da atividade de produção escrita foram entregues de forma incompleta, outros somente o nome da lenda ou com texto resumido, contudo, acreditamos ser necessário não descartar esses textos, pois tanto a língua escrita como a oral são importantes e “as duas são necessárias para o desenvolvimento do aluno e para sua participação nas práticas sociais.” (TIZZIOTO; PACÍFICO; ROMÃO, 2009, p. 02).

Assim, selecionamos quatro textos resultantes da atividade de produção escrita dos sujeitos alunos Chiquitano. Apresentamos a imagem da atividade impressa tal como foram entregues pelos alunos, sendo que tarjamos o nome deles para não serem identificados:

Texto 1

Caro aluno(a), você está sendo convidado(a) a participar como voluntário(a) de uma pesquisa sobre os traços de memória discursiva presente nas lendas indígenas que definem os processos de identificação do sujeito Chiquitano. Para isso, precisamos coletar inúmeras lendas indígenas que circulam no nosso município. Pedimos que você converse com seus familiares (pais, avós, tios, bisavós, etc) e ouça deles as lendas que vão te contar, depois de ouvir as histórias o próximo passo será: escrever a(s) lenda(s) no espaço abaixo e contá-las para que a responsável da pesquisa possa fazer a gravação de áudio. É importante não esquecer quem foi o seu contador(a) de lendas, dizer o grau de parentesco com você. Seus dados pessoais serão mantidos em sigilo.

Dados do pe: _____
 Nome: _____
 Idade: _____

OBRIGADA POR SUA COLABORAÇÃO! Mestranda: Leidilene de Souza Rodrigues

LENDA: MINHA VO CONTA DA BAIÁ
NERVOSA DO BARBECHO
BAIA PARAVA DE DA PEXE

Texto 3

Texto 2

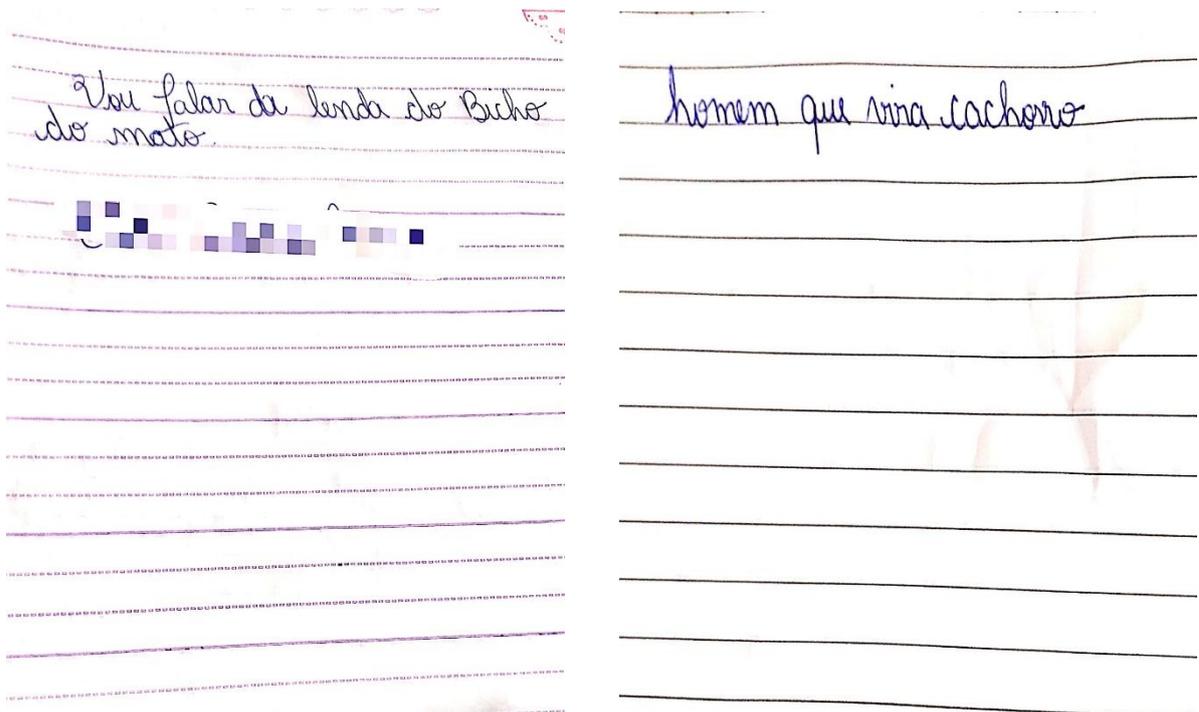
Caro aluno(a), você está sendo convidado(a) a participar como voluntário(a) de uma pesquisa sobre os traços de memória discursiva presente nas lendas indígenas que definem os processos de identificação do sujeito Chiquitano. Para isso, precisamos coletar inúmeras lendas indígenas que circulam no nosso município. Pedimos que você converse com seus familiares (pais, avós, tios, bisavós, etc) e ouça deles as lendas que vão te contar, depois de ouvir as histórias o próximo passo será: escrever a(s) lenda(s) no espaço abaixo e contá-las para que a responsável da pesquisa possa fazer a gravação de áudio. É importante não esquecer quem foi o seu contador(a) de lendas, dizer o grau de parentesco com você. Seus dados pessoais serão mantidos em sigilo.

Dados de: _____
 Nome: _____
 Idade: _____

OBRIGADA POR SUA COLABORAÇÃO! Mestranda: Leidilene de Souza Rodrigues

LENDA: portal do Encantado
É um portal que aparece em como duma
serva de longe ve certinho quando excede
o sermo o portal desaparece igual um-
ilusao, minha no ja viu disse que
podde ser como ruim que seio de la
doença até seco tlex si protige eles
acredito tudo acredito.

Texto 4



O fato de os quatro textos estarem incompletos na escrita, nos faz pensar que a proposta de produção foi imposta a eles e não de livre escolha, para que a escrita fosse de forma espontânea para que o sujeito tivesse “a liberdade de escrever o que e sobre o que quisesse, ‘espontaneamente’, possibilidade interdita” (TIZZIOTO; PACÍFICO; ROMÃO, 2009, p. 5) quando já é dado na atividade de produção escrita o tema a ser trabalhado. Além da imposição, também reconhecemos que fomos pegos pelo modo de relacionamento com a escrita estranho ao povo indígena, como sujeitos imersos na ideologia fomos incapazes de nos darmos conta que a lenda é um objeto oral e pedir a eles que escrevessem causou traumas que ressoou no nosso trabalho. Compreendemos que é uma violência passar para a escrita aquilo que é da ordem da oralidade, como as lendas.

Essa divisão entre oralidade e escrita é muito forte, mais forte ainda com os povos originários quando pensamos no processo de colonização do país Brasil que deixou marcas na identidade da língua nacional, já mencionado no primeiro capítulo.

Embora os textos apresentem a estrutura incompleta, todos conseguem deixar especificado sobre o que pretendem transmitir na produção escrita, ou seja, de qual lenda eles estão se referindo. Às vezes de forma resumida como no texto 2 ou só com o que seria o título da lenda, como no texto 4 (homem que vira cachorro), mas sempre com a informação necessária para sabermos a que estava se referindo.

O texto 1, por exemplo, em poucas palavras o sujeito informou a qual lenda se refere (BAIA NERVOSA), contou quem era sua transmissora (MINHA VÓ), fez questão de dizer o espaço do acontecimento (BARBECHO) e por fim explicou o que acontecia com a baia nervosa que (PARAVA DE DA PEXE), entendendo que havia transmitido a lenda encerrou o texto. Observamos que a estrutura textual não impediu o sujeito de enunciar, por isso, “é na situação real de produção que a escrita faz sentido, mesmo quando a forma escrita não é completamente dominada, ou até em casos em que ela é minimamente dominada.” (GALLO, 1994, p. 27). Conforme a autora, o sentido da escrita pode estar presente mesmo que o sujeito não tenha total domínio dela, dessa forma, mesmo que os textos estejam com a escrita incompleta é possível identificar as informações dadas por eles sobre as lendas.

Ainda precisamos considerar a questão da oralidade, já que na produção oral das lendas os sujeitos alunos não demonstraram dificuldade. A fala se tornou a concretização da interlocução das lendas por parte dos sujeitos que contam para alguém que os ouve.

Na própria escrita dos sujeitos, podemos perceber a afinidade com a oralidade. No texto 3, o sujeito afirma que não vai escrever, mas sim “falar” sobre “a lenda do bicho do mato”. Informação dada na escrita e concretizada na contação oral, quando o sujeito pode “falar”, do seu jeito, a lenda ouvida de seus familiares.

Diante de tais situações vivenciadas em sala de aula, concordamos com Gallo (1994) quando diz que:

a única garantia que podemos ter como professores de língua portuguesa, é a de propiciar condições para que nossos alunos possam se inscrever em posições-sujeito de discursos onde o efeito AUTOR é possível, ou seja, em outros discursos que não sejam somente circulares e auto avaliativos, como é o caso do discurso didático pedagógico. (p. 25).

Conforme a autora, o professor deve estar atento a garantir que os alunos tenham condições se inscreverem em uma posição-sujeito de discurso, reconhecendo o efeito autor desses alunos, assim é possível observar como cada um usa a língua para constituir-se como sujeito de/na linguagem.

E também é possível observar como a relação entre sujeito e o espaço escolar vai sendo ressignificada quando o professor dá abertura para que o aluno possa se expressar.

Podemos, então, pensar que o sujeito aluno Chiquitano que se deslocou da aldeia para residir na cidade, tem atuação da escola no seu processo de identificação. É no espaço escolar que, de acordo com Celada (2015, p. 11), “a questão linguística se entrelaça a uma exterioridade – a questões sociais, econômicas e políticas – que afeta diretamente esses sujeitos”. A Escola,

enquanto instituição, apresenta questões sociais, econômicas e políticas entrelaçadas à questão linguística que são direcionadas aos sujeitos, produzindo efeitos ideológicos que agem, interpelando o sujeito.

CAPÍTULO III

3. SUJEITO E LÍNGUA: INTERPRETANDO AS LENDAS

Neste capítulo, apresentamos a análise do *corpus* que organizamos a partir do trabalho que desenvolvemos em sala de aula referente às lendas contadas pelos alunos Chiquitano, do 8º ano B, que estudam na Escola Municipal Maria Gregória Ortiz Cardoso, situada na zona urbana do município de Porto Esperidião.

Como dissemos na introdução e no primeiro capítulo, durante a investigação da pesquisa propomos uma atividade de produção de texto escrita, seguida de uma produção oral, para os alunos que aceitaram fazer parte da nossa pesquisa. Ressaltamos que utilizamos uma atividade impressa e que os textos selecionados para análise, nesse capítulo, foram selecionados a partir dos obtidos na versão oral, gravados em áudio, posteriormente transcritos por nós. Organizamos o material de análise com quatro textos, sendo que os textos são objetos que constituem o *corpus* discursivo. Então, iniciamos o trabalho de interpretação desse *corpus* em análise.

Lembrando que na filiação teórica na qual nos inscrevemos, a Análise de Discurso, o *corpus* de pesquisa se configura como a materialidade discursiva necessária para produzir sentidos e possibilitar que interpretemos aí o funcionamento do discurso.

Atualmente, considera-se que a melhor maneira de atender a questão da constituição do *corpus* é construir montagens discursivas que obedeçam a critérios que decorrem de princípios teóricos da análise de discurso, face aos objetivos da análise, e que permitam chegar à sua compreensão. Esses objetivos, em consonância como método e os procedimentos, não visam a demonstração, mas a **mostrar como um discurso funciona produzindo (efeitos de) sentidos**. (ORLANDI, 2015, p. 61, grifos nossos).

Conforme a autora, a concepção do *corpus* e a sua construção são guiadas pela teoria e pela problemática inicial da pesquisa, onde se busca “mostrar como um discurso funciona produzindo (efeitos de) sentidos”; para Orlandi (2015), isso acontece retomando-se conceitos e noções num movimento permanente de ir e vir entre teoria, consulta ao *corpus* e análise, considerando o *corpus* em constante construção ao longo da pesquisa.

A partir de gestos de leitura/interpretação, fomos construindo o *corpus* discursivo para esta pesquisa. Toda materialidade do *corpus* foi constituída em uma mesma circunstância enunciativa por diferentes locutores, um processo discursivo que reuniu textos de sujeitos alunos Chiquitano, resultantes de atividade de produção de lendas indígenas. Na análise

interpretativa das narrativas, buscamos compreender os efeitos de sentidos contidos nos textos, ou melhor, as marcas de identificação do sujeito com a identidade cultural do povo Chiquitano, tanto em relação ao universo indígena quanto ao universo da escola não indígena.

Ressaltamos que para realizar a análise dos textos, é preciso tomá-los como unidade significativa, ou seja, considerar a sua textualidade. A textualidade para Orlandi (2017, p. 25), “é função da relação do texto consigo mesmo e com a exterioridade. É pensando a relação do texto com sua exterioridade que podemos pensar não a função do texto, mas seu funcionamento”. Para a autora, o texto deve ser considerado como discurso, um objeto linguístico-histórico, incompleto, não como uma unidade fechada.

Assim, para compreendermos como os textos dos alunos produzem sentidos, nossa análise interpretativa toma os textos discursivamente, considerando as formações discursivas que os atravessam, ou seja, buscamos dar visibilidade às redes de sentidos aos quais os discursos estão filiados.

Na orientação teórica a que nos filiamos, analisar um discurso, nesse caso, o dos sujeitos alunos Chiquitano, é o mesmo que tomá-lo como objeto histórico-ideológico. De acordo com Orlandi (2015, p.13):

A Análise de Discurso concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social. Essa mediação, que é o discurso, torna possível tanto a permanência e a continuidade quanto o deslocamento e a transformação do homem e da realidade em que ele vive.

Segundo a autora, na Análise de Discurso, não se compreende a língua como um sistema abstrato, somente como um código, se compreende a língua fazendo sentido, que é constitutivo do homem e da sua história, relacionando a linguagem à sua exterioridade, essa relação é o discurso. Considerando que a materialidade da ideologia é o discurso e a materialidade do discurso é a língua, temos a relação língua-discurso-ideologia (ORLANDI, 2015). É no/pelo discurso que se pode observar a relação entre língua e ideologia, podendo, assim, entender como a língua produz sentidos para os sujeitos.

Pensando na relação entre sujeito e ideologia, lembramos que o processo de constituição do sujeito se dá pela interpelação do indivíduo em sujeito pela ideologia. É a ideologia que determina o que pode e deve ser dito, em uma dada formação discursiva, assim a ideologia produz seus efeitos materializando-se no discurso. O sujeito aluno Chiquitano de uma escola urbana e não indígena pode ou não se identificar com o discurso da Escola pois, enquanto instituição de ensino, é a principal responsável por difundir e valorizar o conhecimento científico e cultural já produzido e a se produzir.

Todavia, no que se refere a um ensino de afirmação da identidade, as políticas públicas educacionais se voltam para a valorização das diferenças, sem destacar as diferentes identidades culturais presente na escola. Se pensarmos nas práticas pedagógicas, não reconhecemos o índio Chiquitano sendo mencionados, seja nos projetos anuais, seja no planejamento docente. Quando é comemorado o “Dia do Índio”, vemos crianças de rostos pintados, adolescentes declamando poesia sobre preconceito, direitos iguais e preservação do meio ambiente, tudo com o intuito falar em prol do índio, mas não do índio Chiquitano. Na semana do Folclore, o ambiente escolar é todo para apresentações: comidas e danças regionais, encenações de lendas e caracterização de personagens típicos, mas nada que representa a comida, a dança e as lendas do povo Chiquitano. Nessa contradição, o sistema educacional impõe uma única identidade cultural a todos os alunos de forma indistinta, num processo que interdita outras culturas existentes no espaço escolar, nesse caso a identidade cultural do aluno Chiquitano.

Ao falar do discurso do sujeito aluno Chiquitano, importa dizer que a escrita é o lugar em que o sujeito se singulariza, mas segundo Orlandi (2006), é o lugar de interpretação da relação do sujeito com a história. Tomamos a noção de interpretação de Orlandi (1996) na qual a autora destaca os gestos de interpretação:

A interpretação está presente em toda e qualquer manifestação da linguagem. Não há sentido sem interpretação. Mais interessante ainda é **pensar os diferentes gestos de interpretação**, uma vez que linguagens, ou **as diferentes formas de linguagem, com suas diferentes materialidades, significam de modos distintos**. (ORLANDI, 1996, p.9, grifos nossos).

A autora considera que há interpretação não só para o analista de discurso, mas para o sujeito da linguagem em geral, conforme Orlandi, é necessário “pensar os diferentes gestos de interpretação”, já que “as diferentes formas de linguagem, com suas diferentes materialidades, significam de modos distintos”. Assim, queremos compreender os gestos de interpretação, dos sujeitos alunos Chiquitano, que nessa análise, se dão através do modo como esses sujeitos (re)formulam, retomam as lendas ouvidas em seus ambientes familiares, uma materialidade que, enquanto discurso, torna-se semanticamente denso, atravessado de sentidos outros, aberto ao equívoco, e a opacidade, passível de (re)formulações.

É preciso destacar que os quatro textos selecionados para análise, após a gravação em áudio, todos foram produzidos por sujeitos alunos Chiquitano. Assim, as diferentes posições-sujeito, as diferentes formas de identificação dos sujeitos, inscritos numa dada formação discursiva, são o que determinaram a constituição da materialidade discursiva nessa análise.

3.1 Discurso e escola: apresentando as lendas

Inicialmente, gostaríamos de reforçar que frequentando a escola, tomada aqui como espaço discursivo, os alunos contam as lendas ouvidas de seus avós e/ou familiares, assim, as lendas contadas por alunos Chiquitano significam em um espaço diferente das aldeias, em que a memória discursiva se diz em processos de identificação do sujeito, afirmando um determinado espaço de significação (ORLANDI, 2017). Logo, é nesse espaço também que os discursos sobre a cultura indígena circularam, por meio da exposição oral das lendas, como já mencionamos.

É importante destacar que dentre as distintas marcas da cultura indígena, materializadas por meio de marcas linguísticas, observamos o quanto a mitologia se presentifica. Orlandi (2017) enfatiza que o mito e a realidade se juntam e se desdobram para os índios, são narrativas de histórias vividas por eles, sempre relacionadas à poderes sobrenaturais, a algo invisível, misterioso, ligado a seres encantados. Dessa forma, na sociedade indígena a lenda se constrói a partir do mito e tem uma força fundadora de veracidade que desvenda a cultura desta sociedade criada a partir de seus antepassados e que é transmitida para outras gerações por meio, principalmente da oralidade.

Selecionamos quatro lendas para a análise (conforme apresentado no primeiro capítulo como deu-se a composição do *corpus*), transcritas com o critério de manter as marcas de oralidade de cada aluno⁶. Sendo que cada lenda foi contada por um sujeito aluno, todas serão nomeadas conforme a identificação dada pelo aluno que a contou, a saber, lenda 1 (L1), lenda 2 (L2), e assim por diante.

⁶Na transcrição optamos por manter as marcas de oralidade, como “nóis”, “faiz”, “protegê”, “tô”, “passá”, etc. bem como a não marcação da concordância verbal e nominal. Utilizamos a reticência (...) para representar as pausas na fala e os dois pontos (:) para indicam a longa duração do som anterior.

LENDA 1: PORTAL DO ENCANTADO

O portal do encantado costuma aparecê em cima duma serra... de longe as pessoas consegue vê tudo bonito, certinho, mais várias pessoas tentaram escalá essa serra pra vê se encontrava o portal, quando elas chegava onde tava o portal, elas olhava, o portal não tava mais lá. Quando elas descia da serra elas olhava, o portal aparecia, simplesmente, é:: igual como se fosse uma ilusão. Minha vó já viu, ela mora lá... ela disse que ele pode ser coisa ruim, que sai coisa ruim de lá, tudo de ruim pras pessoas, pra terra, uma seca ou doenças. Eles costuma fazê simpatias pra se protegê do mal do portal, tanto que eles pararam de subi lá em cima pra vê o portal. Na simpatia eles usa plantas medicinal e:: agora como tá bem atual, eles costuma fazê oração também, minha vó faiz pros santos dela. Na aldeia todo mundo acredita... até porque meus avós é os anciões de lá. Quando a pessoa consegue atravessá o portal, não volta mais. Ele vê:: bonito e::: qué passá mais ele é encantado então não volta, se voltá a pessoa fica doente e:: morre, não aconteceu nessa aldeia, já aconteceu nas aldeias vizinhas. Todas as crianças sabe do perigo do portal. Eu nunca vi o portal, mais também quando ele aparece eu tô estudano, só vó na aldeia nas férias da escola.

LENDA 2: BAÍA NERVOSA

Minha vó conta que essa baía era uma baía normal... como qualquer outra, lá no Barbecho. Era boa pra pescar, as pessoas iam lá pescar. Até que um dia um homem foi lá e::: nunca mais voltou. Então nesse meio tempo descobriram que lá era muito bom de pesca. Eles pescava bastante, mas:: se eles iam além do limite, se ia pescar pra sobrar, a baía, ela, a água começa a subi, podia puxar a pessoa pra baixo e parava de dar peixe. A água começa a subi, os peixes começava a parar de pegar. Também não podia fazer barulho nessa baía. Antigamente, quando saia pra pesca, caçar, podia ficar até uma semana pra voltar pra casa, então só depois descobriram que a baía subia a água e levava as pessoas. Porque ela fornecia o alimento pra eles, mas também ela fornecia o limite de quantidade de alimento pra eles. Assim as pessoas entenderam e:: por certo tempo continuaram buscar alimento, mas quando chegavam perto evitava de fazer barulho e quando tinha uma quantidade que era o que ia usar de alimento eles iam embora. Passaram a respeitar. A:: baía existe ainda hoje, bom, minha vó disse que existe. Eu nunca fui nessa baía. Minha vó não ia na baía porque quem saia pra essas coisas era os homens. As mulheres cuidava da plantação. Minha vó já tá de idade, mas:: ela conta a história. É importante contá pras crianças de lá como meio de ajudá educar as crianças, meio de ensinar que tudo tem seu limite, que a própria natureza fornece o limite dela. Mesmo que não for real nem nada. É um meio de educar as crianças sem que elas percebam, isso é importante que elas saibam. Mesmo que não seja real, temos que respeitar, é a cultura de lá, eu respeito. Minha outra vó dizia que essa baía era chamada baía Grande, que ela fazia a mesma coisa, se:: as pessoas não respeitasse ela subia a água. Mas nessa época as pessoas fazia simpatia. Na época eles acreditavam que, como todo rio tinha um peixe, alguma coisa que protegia o rio. Eles acreditam nisso. Lá não tinha nada, então eles pegaram uma taboca oca, colocaram três fios de cabelo dentro e tamparam as pontas com algodão e deixaram no meio da baía para proteger o local e pode pescar... pra ser uma baía normal e a pesca continuasse a mesma que vinha com fartura. Sei pouco da cultura e nem falo disso aqui.

LENDA3: BICHO DO MATO

A:: história do bicho do mato é assim, se algo gritar no mato e a pessoa que tá aqui remeda (imitar), o bicho vem vindo, vem vindo e entra na alma da pessoa. Daí pra sair tem que rezar, só rezando. A:: pessoa que for pega pelo bicho fica doida querendo mata as pessoas... Ele aparece em qualquer mata. Nós morava lá:: pra fronteira, casa perto do mato, meu pai contava que o meu irmão começou chorar de noite e o bicho começou tipo chorar, parecia que meu irmão remedava ele, meu irmão não parava, quando minha mãe tirava o peito ele chorava, então o bicho veio vin::do. Daí meu pai olhou pela porta e viu lá dois bichos como criança de zói vermelho e vestido branco. Meu pai chamou meu vô, pegaram uma foice e um facão e:: saíram correndo em cima do bicho. Correram até na mata, lá:: eles ficaram perdido, estavam juntos, mas não percebia, é:: misterioso, daí começou ventar forte, balançá as árvores... Nunca mais voltou o bicho em casa, mais:: tem que fazer fumaça, a tarde meu pai queimava as coisas pra fazer fumaça. Faz fumaça e os bichos vão afastando. O bicho pega qualquer um, não só criança, se tá na mata e grita pro amigo, daí:: escuta um grito igual, não pode remedar, se não ele vem vindo. Eu não conheço ninguém que foi pego pelo bicho, meu pai contava, mais:: isso é história de lá, todo mundo sabia disso e respeitava... quando entrava na mata, se ouvi um grito a gente até arrepiava. Quando tinha que caçar não podia ir sozinho e tinha que rezar para pedir proteção e afastar o bicho, também pra afastar o bicho tinha que fumar né::, eles não gosta do cheiro do fumo.

LENDA4: HOMEM CACHORRO (LOBISOMEM)

Lá:: pro lado do São Fabiano, na fronteira, tem muita gente que vira bicho, eu conheço muita gente. Tinha um rapaz que já morreu que transformava em cachorro, que é o lobisomem daqui. Muita gente virava lobisomem lá. O rapaz era meu amigo... ele me contou que pra virar lobisomem tinha que rolar num cupim à meia noite e ficava encantado. Virava lobisomem, ele falou isso pra mim, eu nunca vi nada, ele bebia e:: ficava bêbado, não sei se é verdade. Daí:: ele foi na casa de um homem e começou a brigar com os cachorros, os cachorros correram. Sabe né, cachorro não briga com lobisomem, ele fica quietinho, tem medo. Ele e o irmão dele virava cachorro, o irmão dele ainda vira. Quando tá encantado fica doido, não tem consciência, sabe?! Não conhece ninguém. Acho que:: faz assim quando usa droga, fica doido. Tem os mais velhos lá que sabe de tudo, ensina remédio tudo lá, eles é os antigos, os mais antigos lá. Eles ensinam como virar animal.

3.2 Análise do *corpus*

Ressaltamos o nosso olhar para o funcionamento da memória, o que Orlandi (2017, p. 207) tem chamado de narratividade, para “compreender como ela funciona na produção de sentidos para e pelos sujeitos, em condições determinadas”. É reconhecendo que os sujeitos individuados, inscritos em certas formações discursivas, determinados pela relação com a ideologia, se identificam com certos sentidos, resultando em diferentes posições-sujeitos que buscamos compreender os processos de identificação do sujeito aluno Chiquitano em relação identidade cultural do povo Chiquitano, a partir da análise do *corpus* que apresentamos.

Para tal, tomaremos como ponto de partida as diferentes posições-sujeito, as diferentes formas de identificação dos sujeitos alunos Chiquitano, inscritos em alguma, e não outra formação discursiva, para determinar a constituição das marcas linguístico-discursivas textualizadas nas lendas. Dessa forma, organizamos a análise em recortes discursivos que, por sua vez, serão apresentados por meio de sequências discursivas (Sd).

Assim, organizamos os recortes discursivos em quatro momentos de análise:

- **Recorte 1:** A relação entre o sujeito Chiquitano e o sobrenatural.
- **Recorte 2:** A relação entre catolicismo e rituais de crenças do sujeito Chiquitano.
- **Recorte 3:** A relação entre Escola e sujeito aluno Chiquitano.
- **Recorte 4:** A relação entre sujeito aluno Chiquitano e a identidade cultural do povo Chiquitano.

Buscamos compreender, por meio dos recortes 1 e 2, como certas regularidades funcionam nas lendas contadas pelos sujeitos alunos na escola. Assim, através do discurso textualizado nas lendas, observamos as marcas linguísticas que dão visibilidade à relação do sujeito Chiquitano com um universo misterioso, com um mundo de encantamento, onde o sobrenatural toma forma e poder e também a relação do sujeito com práticas religiosas.

3.2.1 Marcas discursivas da cultura indígena

Queremos chamar a atenção, no recorte 1 – a relação entre o sujeito Chiquitano e o sobrenatural, para aquilo que se apresenta como misterioso, encantado, aquilo que conhecemos como algo tomado por forças mágicas ou sobrenaturais que supostamente habitam o céu, as selvas, as águas ou os lugares sagrados e que aparecem e desaparecem misteriosamente. O encantamento está presente na mitologia indígena, assim como na cultura ocidental, basta lembrarmos das histórias de fadas com príncipes e princesas encantados, ou lendas e mitos com acontecimentos sobrenaturais, como “Curupira”, “Mula sem cabeça”, e tantas outras que poderíamos citar aqui.

O assombro, nos discursos dos sujeitos, afirma que o invisível não precisa ser visto para ser confirmado, conforme Benites (2013):

[...] há, nessa perspectiva, uma incidência dos contrários: do familiar e do estranho no próprio sujeito e que deixa rastros, nuanças de estranhezas no seu dizer que não poderiam se insinuar na linguagem se não fizessem parte do corpo daquele que enuncia. (p. 42).

Conforme o autor, com base em reflexões de Freud (1919), o “estranho” torna-se “familiar”, o invisível torna-se real sem ser testemunhado. Quando o sujeito diz sobre o invisível, ele mantém uma tradição daquilo que não precisa ser visto para ser acreditado, a comprovação do que é verdade basta na oralidade dos familiares.

A partir disso, importa dizer que nos discursos analisados, textualizados nas lendas contadas na escola, o sobrenatural, aquilo que é encantado, misterioso se mostra em vários momentos, por exemplo, na lenda 1, quando o sujeito relata que um portal misterioso surge no alta da serra e, se os índios subirem a serra para vê-lo mais de perto, o portal desaparece e só volta quando as pessoas descem; e, na lenda 2, quando o sujeito relata que os índios descobriram que para continuarem pescando na baía era preciso respeitá-la, só podiam pescar a quantidade suficiente para o sustento da aldeia, não podiam pescar além do limite porque os peixes desapareciam e a água da baía subia até afogar o pescador. Vejamos:

Sd1 (L1): Quando [as pessoas] descia da serra elas olhava, o portal aparecia, simplesmente, é::: igual como se fosse uma ilusão. (...) Quando a pessoa consegue atravessá o portal, não volta mais. Ele vê:: bonito e::: qué passá mais ele é encantado então não volta, se voltá a pessoa fica doente e:: morre (...)

Sd2 (L2): Até que um dia um homem foi lá e:: nunca mais voltou. (...) Eles pescava bastante, mas:: se eles iam além do limite, se ia pescar pra sobrar, a baía, ela, a água começa a subi, podia puxar a pessoa pra baixo e parava de dar peixe.

Na Sd 1, o sujeito aluno diz sobre como os índios veem o portal mágico que surge sobre a serra. O portal parece “uma ilusão” porque surge quando os Chiquitano estão longe, e desaparece quando se aproximam, criando assim, o efeito de ilusão, mas uma ilusão muito real e necessária para os índios Chiquitano. Até porque, eles entendem que não se pode atravessar o portal que, no efeito do encantamento, carrega o sujeito para “outro mundo”, quando o sujeito consegue voltar para “esse mundo”, “fica doente e:: morre”. O portal encantado surge junto às situações sobrenaturais, que mesmo com certa beleza quando o Chiquitano “vê bonito”, traz o “Mal”, traz aquilo que assombra os sujeitos Chiquitano.

Nessas Sds, observamos a presença do misterioso, o sobrenatural, traço frequente na cultura indígena, tanto que há uma relação significativa entre o nome dado a Terra Indígena Portal do Encantado e a lenda, sendo que a denominação da única Terra Indígena declarada no município foi assim dada pelos Chiquitano por conta de ser nela a localização da serra onde surge o portal. Portanto, a nomeação Terra Indígena produz sentidos que remetem à lenda.

Sair da aldeia para pescar faz parte da sobrevivência indígena, uma prática cultural que não assusta os Chiquitano, a não ser que durante essa rotina surjam sinais cheios de mistério. Notamos que, na Sd2, o sobrenatural continua assombrando o sujeito Chiquitano que costuma pescar em uma baía, ainda mais quando “um homem foi lá e:: nunca mais voltou” para a aldeia, logo os índios descobriram que o sumiço estava relacionado à baía que era encantada. Quando o índio pesca para sobrar, misteriosamente os peixes somem, a água da baía “começa a subi” até “puxar a pessoa pra baixo”, a qual desaparece pra sempre. Tem-se aqui “o invisível” significando na relação do índio com o sobrenatural. Não se sabe ao certo o que há depois do portal, nem sob a água da baía, só sabe que é um “outro mundo”, onde “o invisível” faz com que aquele que for puxado pela água não volte à vida e aquele que conseguir passar pelo portal viverá perdido nesse mundo ou voltará desorientado, “falando coisa com coisa” até levar a morte.

É preciso destacar que a lenda 2 se refere a uma baía localizada na comunidade Barbecho, que é uma comunidade indígena localizada na Bolívia, na região de fronteira com a comunidade indígena Vila Nova Barbecho localizada no Brasil.

Continuamos observando que o sobrenatural, também, se mostra na lenda 3, quando o sujeito aluno Chiquitano relata sobre o bicho que vive nas matas, sempre que percebe alguém

próximo ou dentro da mata faz com que a pessoa não consiga saber onde está, assim o bicho consegue “possuir sua alma”, fazendo com que a pessoa fique transtornada, querendo matar quem se aproxima. Já na lenda 4, o sujeito se refere a um rapaz conhecido dele que se transformava em cachorro (lobisomem) e quando estava transformado, encantado perdia a consciência. Vejamos:

Sd3 (L3): Daí meu pai olhou pela porta e viu lá dois bichos como criança de zói vermelho e vestido branco. (...) Correram até na mata, lá:: eles ficaram perdido, estavam juntos, mas não percebia, é::: misterioso, daí começou ventar forte, balançá as árvores...

Sd4 (L4): Quando tá encantado fica doido, não tem consciência, sabe?! Não conhece ninguém.

Na Sd3, temos o relato de uma ação sobrenatural a partir da experiência vivida pelo pai e o avô do sujeito aluno, o pai e o avô “ficaram perdido” dentro da mata, quando seguiram “dois bichos como criança de zói vermelho e vestido branco”. Perderam-se de um jeito mágico, eles “estavam juntos, mas não percebia, é::: misterioso”, e quando começou “ventar forte, balançá as árvores...” eles sabiam que era um sinal de que algo sobrenatural estava acontecendo. O “ventar forte” é um fenômeno natural bastante considerado, respeitado como sinal espiritual para os índios, que “aparece associado ao fim do mundo [...] no mito de origem” e só estabilizou com “o surgimento das serras” (SILVA, 2007, p. 123). Conforme Silva, o vento, para os Chiquitano, está ligado as crenças religiosas e fatos espirituais que correspondem ao acontecimento “fim do mundo”, por isso é narrado com frequência na mitologia Chiquitano.

Por último, na Sd4, o sujeito aluno Chiquitano narra o que seria a transformação de uma pessoa em bicho, segundo ele seria uma das pessoas, até porque conhece “muita gente” que se transforma. Durante a narrativa, percebemos a existência do sobrenatural, a transformação em animal é um encantamento que altera o raciocínio da pessoa, no discurso do sujeito, quando seu amigo está “encantado fica doido, não tem consciência”: o encantamento faz com que a pessoa transformada em animal, aja de forma inconsciente, já que “não conhece ninguém”, possivelmente ele se torna um perigo às outras pessoas.

Consideramos importante observar que, em todas as lendas analisadas encontramos a presença do sobrenatural. Aqui retomamos o que Orlandi (2017, p. 55) diz sobre a relação com o sobrenatural que causa o assombro quando se trata do invisível, logo o “que não sabemos, o estranho, pode ser interpretado como sendo a presença do Mal”. Assim também, compreendemos que o sobrenatural, pessoas e lugares encantados demonstram a presença do

Mal, daquilo que possa fazer mal aos Chiquitano, o que, de certa forma causa o assombro por parte dos indígenas.

Diante das quatro sequências discursivas apresentadas, percebemos no discurso dos sujeitos alunos Chiquitano as marcas discursivas que retomam na narrativa das lendas o mistério, mostram como este elemento está presente na cultura de forma concreta nas situações reais vividas pelos índios, afirmando que não precisa ser visto para ser confirmado.

No recorte 2 – a relação entre o catolicismo e rituais de crenças do sujeito Chiquitano, destacamos as marcas referentes ao modo como as práticas religiosas fazem parte da cultura do povo indígena.

Nesse momento da análise, vale repetir o que afirmamos no capítulo anterior, que os índios Chiquitano são povos aldeados pelas Missões dos Jesuítas durante os séculos XVII e XVIII. Essas Missões deixaram marcas na identidade cultural e contribuíram no processo de constituição do sujeito Chiquitano. Na lenda 1, o sujeito conta sobre rituais e práticas religiosas durante a aparição do portal e na lenda 2, o sujeito menciona a representação do “protetor” dos rios, o *hitchi*. Vejamos:

Sd5 (L1): Eles costuma fazê simpatias pra se protegê do mal do portal, tanto que eles pararam de subi lá em cima pra vê o portal. Na simpatia eles usa plantas medicinal e:: agora como tá bem atual, eles costuma fazê oração também, minha vó faiz pros santos dela.

Sd6 (L2): Mas nessa época as pessoas fazia simpatia. (...) como todo rio tinha um peixe, alguma coisa que protegia o rio. Eles acreditam nisso. Lá não tinha nada, então eles pegaram uma taboca oca, colocaram três fios de cabelo dentro e tamparam as pontas com algodão e deixaram no meio da baía para proteger o local e pode pescar...

As Sds apresentadas acima nos mostram as marcas de práticas e crenças espirituais comum à cultura indígena.

Na Sd5, o sujeito descreve uma das práticas de proteção contra o mal que o portal traz para toda a comunidade, ele diz que o Chiquitano “costuma fazê simpatias pra se protege”, a simpatia é feita com “plantas medicinal”. O mesmo acontece na Sd6, a simpatia surge ou para fazer com que a baía deixasse os índios pescarem ou para ser o canal de transformação do índio em bicho. Assim, na Sd6 os Chiquitano sabiam que “todo rio tinha um peixe, alguma coisa que protegia o rio”, então eles precisavam ter algo que representasse o “dono” das águas da baía, para isso “eles pegaram uma taboca oca, colocaram três fios de cabelo dentro e tamparam as

pontas com algodão e deixaram no meio da baía”. Com esse ritual, os Chiquitano podiam continuar pescando, sempre que respeitassem a baía.

É importante observar sentidos relacionados aos “hitchis”, seres espirituais que possuem o poder de ser donos de todo o recurso que o índio usa da Natureza. Os “hitchis” fazem parte da crença do povo Chiquitano, os elementos da natureza possuem alma e os Chiquitano devem respeitá-los. É o que acontece na lenda da baía, quando os índios precisam de algo que represente o “hitchi” da água, assim podem “pedir autorização” para pescar, demonstrando respeito ao dono da água.

Vemos que na lenda 3, o sujeito relata que o único jeito para se libertar do bicho da mata é com rezas, para uma pessoa se proteger quando precisar caçar ou entrar na mata para qualquer coisa, tem que fazer oração ou fazer fumaça, porque o bicho não gosta de fumaça, nem do cheiro de fumo.

Sd7 (L3): Nunca mais voltou o bicho em casa, mais:: tem que fazer fumaça, a tarde meu pai queimava as coisas pra fazer fumaça. Faz fumaça e os bichos vão afastando. (...) Quando tinha que caçar não podia ir sozinho e tinha que rezar para pedir proteção e afastar o bicho, também pra afastar o bicho tinha que fumar né::, eles não gosta do cheiro do fumo.

Na Sd7, assim como na Sd6, também percebemos referência aos “hitchis”, o sujeito descreve o ritual para se proteger do bicho quando precisavam entrar na mata para caçar, primeiramente, não podia caçar sozinho, depois ele avisa que para “pra afastar o bicho tinha que fumar né::, eles não gosta do cheiro do fumo”. Essas são práticas usadas pelos Chiquitano quando se referem aos “hitchis”, em sua tese de Antropologia, Silva diz:

Para os Chiquitano, as plantas e os animais têm donos aos quais devem prestar oferecimentos através das festas de santos, ou ainda oferecer tabaco, quando vão ao mato para caçar. Dentre outras coisas, os animais devem ser pegos apenas na medida em que serão consumidos, além de ser proibido machucar o animal na tentativa de abatê-lo e deixá-lo ferido na mata. (SILVA. 2007, p. 106).

Mesmo os sujeitos alunos Chiquitano não mencionando os “hitchis”, compreendemos que em seus discursos há referência a eles, assim como a autora relata sobre os “donos” de plantas e animais, aos quais os índios oferecem o tabaco e respeitam o limite imposto pelos “donos” para usar os recursos da Natureza. Exatamente o que os sujeitos descrevem sobre a baía, como não pescar além do que seria para a alimentação ou como se faz para proteger do bicho do mato, fumando e fazendo fumaça.

Não se pode dizer que essa é a única prática religiosa dos índios Chiquitano, pois, ao longo do recorte 2, percebemos que misturado a tais práticas e rituais, também, encontramos fortes marcas do catolicismo, herança deixada pelos Jesuítas, durante as Missões. Retomando a Sd5, o sujeito aluno Chiquitano quando diz “eles costuma fazê oração também, minha vó faiz pros santos dela.”, está se referindo aos Chiquitano que fazem oração aos santos de devoção para se protegerem do mal que possa sair do portal. Da mesma forma, ocorre na Sd7, o catolicismo surge na fala do sujeito aluno quando relata que para caçar “tinha que rezar para pedir proteção e afastar o bicho (...)”. Compreendemos “rezar” como uma prática do catolicismo, é o pedir proteção Divina ou muitas vezes, aos santos de devoção dos índios Chiquitano.

Durante o período colonial, sabemos que a Igreja, por meio da catequização, exerceu um papel fundamental na “domesticação” aos índios, pouco para trazê-los ao catolicismo e muito para fazê-los se constituir em uma “consciência nacional”. Essa função a Igreja não realizou sozinha, estava/está unida à Ciência e à Política. Tal como já vimos na introdução:

A ciência, a política social e a religião se apresentam como três modos de domesticar a diferença: a primeira pelo conhecimento, a segunda pela mediação e a terceira pela salvação (catequese). As três contribuem para que, de algum modo, se apague a identidade do índio enquanto cultura diferente e constitutiva da identidade nacional. (ORLANDI, 2008, p. 67).

Segundo Orlandi, essas três instâncias, não só a religião (através da Igreja), contribuem para o apagamento da identidade cultural do índio para que, de algum modo, exista uma “unicidade” cultural. A interferência à cultura indígena pela Igreja é inegável e quando pensamos os Chiquitano, povo aldeado pelos Jesuítas, compreendemos a presença do catolicismo, junto às crenças espirituais, nas lendas contadas pelos sujeitos alunos Chiquitanos.

A seguir, apresentamos os recortes 3 e 4 que dizem respeito aos processos de identificação dos sujeitos da pesquisa na sua relação com a identidade cultural do povo Chiquitano e como esse sujeito se situa na relação entre os universos em questão: o Chiquitano e a escola.

3.2.2 Marcas discursivas dos processos de identificação dos sujeitos

Enquanto refletimos o que Orlandi (2008) considerou sobre as três instâncias, Igreja, Ciência e Política, agindo no apagamento da identidade cultural do índio, também refletimos

sobre o fato de que o apagamento está “(...) nas relações entre essas três (e certamente há outras) instâncias.” (ORLANDI, 2008, p. 67). Pensando em outras instâncias, chegamos à Escola.

Para discorrer sobre, retomamos o recorte 3 – a relação entre Escola e sujeito aluno Chiquitano. Notamos que na lenda 1 o sujeito relata que a aparição do portal encantado só tem sentido lá, na aldeia. Outro sujeito, na lenda 2 afirma sobre a importância de falar sobre a baía para as crianças da aldeia, mas que aqui, na escola não fala sobre a história da baía. Já na lenda 4, o sujeito ao falar acerca de o rapaz que se transforma em cachorro, deixa claro que aqui, na escola se refere ao lobisomem e não cachorro.

Sd8 (L1): Na aldeia todo mundo acredita... até porque meus avós é os anciões de lá.

Sd9 (L2): É importante contá pras crianças de lá como meio de ajudá educar as crianças, meio de ensinar que tudo tem seu limite que a própria natureza fornece o limite dela. (...) Sei pouco da cultura e nem falo disso aqui.

Sd10 (L4): Tinha um rapaz que já morreu que transformava em cachorro, que é o lobisomem daqui.

Analisando as Sds 8, 9 e 10, compreendemos que no processo de significação das lendas estão inscritas as relações que se dão entre o sujeito aluno Chiquitano e a escola urbana, materializadas pelas marcas discursivas que fazem referência aos diferentes espaços.

Diríamos que os sujeitos sentiram necessidade de diferenciar o lugar da lenda narrada, em algum momento da narração eles deixavam claro que a existência da narrativa se dava na aldeia, como se na escola não encontrassem lugar para contá-la; por isso, a afirmação de que só acontece ou existe na aldeia e a tentativa de mudar os personagens seguindo os “ensinamentos” da escola. Como acontece nas Sds (8 e 9), quando o aluno traz a afirmação de que “na aldeia todo mundo acredita...” nas lendas contadas pelos seus avós não há sinal de descrença pelos indígenas, o contrário “daqui”, que dá a entender que são postas em dúvida. As crianças “daqui” não estão acostumadas com as lendas, ou seja, não são contadas na escola urbana, mas é preciso “conta pras crianças de lá”, “lá” elas aprendem através das lendas, o que não ocorre na escola urbana, por isso o sujeito não fala “disso aqui”, não conta as lendas na Escola. A educação lá é outra. Efeitos da cultura oral, a transmissão do saber pela oralidade, diferentemente da cultura escrita, a urbana, a escolarizada.

É necessário falar desse entrelugar, aqui e lá, e para isso tomamos a noção de entremeio para pensar nesse sujeito que transita entre a aldeia e a cidade. Para tal, partimos da formulação de entremeio que Orlandi (1996, p. 23) traz ao tratar a Análise de Discurso “como

uma disciplina que se faz no entremeio” e não como interdisciplina. De acordo com a autora, disciplinas de entremeio não podem ser consideradas como interdisciplinas porque “não se formam entre disciplinas, mas nas suas contradições...”, assim “a Análise de Discurso se faz na contradição da relação entre as outras” disciplinas. (*Ibidem*, p. 24).

Celada (2019) também toma a formulação de entremeio para trabalhar um outro aspecto desse conceito, no que se refere ao ensino de línguas e o trabalho da memória, na relação de duas línguas chamadas de próximas: o espanhol e o português brasileiro. Pensando questões de práticas pedagógicas, a autora busca compreender o entremeio, que se encontra o sujeito aprendiz destas línguas, a partir da contradição que está na relação desigual que atravessa tais práticas. De acordo com a estudiosa, nesse entremeio, “o espanhol e o português brasileiro, línguas que dentro de um específico trabalho de separação, em seus respectivos corpos e funcionamentos guardam a memória da outra, se roçam, se atravessam, se perpassam, se entrelaçam, se separam e se distinguem.”

Assim, é na contradição que se estabelece entre aqui e lá, identidade e alteridade, que compreendemos o aspecto fronteiro como um lugar de entremeio, constitutivo do sujeito Chiquitano que habita nesse espaço. Ele encontra-se na aldeia e na cidade, dois lugares distintos que nesse entremeio se distanciam, mas também se cruzam e se marcam no funcionamento da memória do sujeito.

Na Sd10, encontramos mais uma marca do funcionamento da diferenciação entre os discursos que circulam na escola, postos em relação à identidade cultural dos alunos Chiquitano. O sujeito, antes de contar sobre o rapaz que se “transformava em cachorro”, esclarece que é o mesmo “lobisomem daqui”, evidenciando um discurso de denegação da sua origem étnica, resultado do atravessamento de outros discursos, no caso, a escola.

O efeito de sentido que se mostra no discurso é o sinal de um sujeito afetado pela ideologia, que segundo Michel Pêcheux:

O caráter comum das estruturas-funcionamentos designadas, respectivamente, como *ideologia* e *inconsciente* é o de dissimular sua própria existência no interior mesmo de seu funcionamento, produzindo um tecido de *evidências “subjetivas”*, devendo-se entender este último adjetivo não como “que afetam o sujeito”, mas “nas quais se constitui o sujeito”. (2014, p. 139).

A subjetivação do sujeito se dá não por livre decisão, mas por ser afetado ideologicamente. Assim, compreendemos que ao narrar as lendas os sujeitos alunos Chiquitano subjetivam-se, produzindo pelo discurso o efeito de uma ideologia, da relação entre aluno Chiquitano e escola urbana.

Tomado por uma prática escolar que busca o ensinamento do folclore de uma forma automática, sem diferenciar as origens das lendas, mesmo sabendo que o folclore brasileiro é bem diversificado e conta com atributos, não só das culturas portuguesa e africana, mas também da indígena, a escola nega a existência da cultura indígena no município, como a presença de alunos Chiquitano na escola. Fazendo com que o sujeito buscase semelhança entre o personagem (homem-cachorro) da lenda indígena com personagem (lobisomem) da lenda urbana, sendo que a lenda do lobisomem é a única explorada pela escola que ele estuda.

Em outras palavras, o sujeito interpelado ideologicamente acaba por marcar, no relato das lendas, a diferença na circulação das lendas no espaço das aldeias e no espaço da escola. Apesar de a escola buscar a “afirmação da identidade” e a “valorização das diferenças”, não encontramos destaque à cultura indígena Chiquitano, o que atualiza a contradição histórica. Uma das competências destacadas no Projeto Político Pedagógico da Escola é “valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural” (PPP, 2019, p.13).

Assim, temos uma proposta educativa preocupada com a cultura local, que não busca dar visibilidade à cultura dos índios Chiquitano, povos residentes do município.

Pensando nisso, voltamos a um de nossos questionamentos sobre a existência de espaço para a cultura do sujeito aluno Chiquitano na escola em que ele estuda. Refletindo sobre o questionamento, percebemos que não há espaço para a manifestação da identidade cultural Chiquitano, apesar de o Projeto Político Pedagógico destacar a importância da valorização das diversas culturas locais, o que acontece, de verdade, é a não menção dos Chiquitano e sua cultura. Esse silenciamento faz com que os sujeitos não sejam vistos enquanto identidade cultural, não tendo, portanto, o espaço para manifestação e valorização de sua cultura indígena. Uma posição contrária do que seria “uma educação humanizadora que considera a realidade do aluno, respeitando o desenvolvimento biológico e a interação social” (BRESSANIN, 2013, p. 28). A Escola, enquanto instituição que preza uma educação que considera a realidade do aluno, não deixaria de considerar a cultura indígena dos alunos, fazendo com que, interpelados pela escola, valorizem culturas outras, silenciando, como já dissemos, a sua própria cultura.

Em relação ao recorte 4 - a relação entre sujeito aluno Chiquitano e a identidade cultural Chiquitano, tomamos como ponto de partida, o que diz Orlandi (2020, p. 11) sobre a escola; segundo ela, a escola é uma instituição decisiva “na difusão dos processos de constituição do sujeito ocidental, cristão, letrado, ou seja, da forma sujeito histórica-capitalista e provê a sociedade de seus instrumentos necessários, inclusive linguísticos.” Orlandi, ao pensar

os processos de constituição do sujeito, destaca a Escola como uma instituição decisiva nos processos. O que nos faz retomar um outro questionamento norteador da nossa pesquisa que é saber qual a relação entre a aldeia e a escola, no processo de identificação do sujeito aluno Chiquitano.

Para tanto, na lenda 1 aparece uma marca importante quando o sujeito enuncia: “Eu nunca vi o portal”. Isso se dá pelo fato de o portal surgir durante o período letivo, período em que ele se encontra na cidade e não na aldeia; e, na lenda 2, o sujeito reconhece a importância de as crianças conhecerem a história da baía, afirmando a necessidade de respeitar a cultura indígena. Vejamos:

Sd11 (L1): Eu nunca vi o portal, mais também quando ele aparece, eu tô estudano, só vô na aldeia nas férias da escola.

Sd12 (L2): É um meio de educar as crianças sem que elas percebam, isso é importante que elas saibam. Mesmo que não seja real, temos que respeitar, é a cultura de lá, eu respeito.

Nas sequências discursivas analisadas, há a reprodução de um discurso recorrente em toda contação das lendas, no qual o sujeito ora se identifica, afetado ideologicamente, ora não se identifica com o discurso pedagógico em que está inserido. A Escola, enquanto instituição, age no processo de identificação dos sujeitos alunos, segundo Bressanin (2012, p.105) e isso ocorre “porque os sentidos que circulam na escola são determinados por uma voz que, geralmente, ocupa a posição de representante da ciência, detentora do saber e da verdade.”

Logo, vemos o silenciamento da identidade dos sujeitos. Observamos que culturas outras, como a indígena local, não são sequer citadas no Projeto Político Pedagógico da escola, não aparecem em apresentações de datas comemorativas, nem em projetos anuais como: “Família na Escola”, “Festival de Poesias”, “Soletrando”, “Horta Medicinal”, “Água” e “Leitura”. A não presença do Chiquitano nas práticas pedagógicas podem resultar no entendimento de que a identidade cultural desse povo não é autorizada a circular no espaço escolar.

Na Sd11, o sujeito afirma nunca ter visto o portal, mas que o mesmo é visto por alguém próximo, lá na aldeia. Orlandi (2017) afirma que quando o sujeito diz:

[...] “eu não acredito, mas eu conheço x... etc” mantém o processo de circulação e garante a permanência da lenda, mantendo-a ativa, *mantendo a presença desta narrativa no imaginário social*, no qual outros sujeitos terão

sua parte no processo de significação social, pela memória que se atualiza [...] (p.47, grifos do autor).

Conforme a autora, é um funcionamento comum na contação de lendas o sujeito dizer não acreditar, mas conhecer alguém que tenha presenciado tal acontecimento. Assim, o sujeito assegura a continuidade da lenda e conserva o seu processo de circulação.

O sujeito, na Sd11, por várias vezes, afirma nunca ter visto o portal ou mesmo que só acontece lá, na aldeia, interpelado pela instituição inscreve-se numa dada posição-sujeito que se filia a uma outra formação discursiva, identificando com este ou aquele sentido (ORLANDI, 2014). Assim, no efeito de identificação, o sujeito afirma não ter visto o portal porque “quando ele aparece” é período escolar e ele está na cidade, não na aldeia, que só vai “nas férias da escola.”. Logo, compreendemos que o período das férias escolares não coincide com período anual em que o portal aparece sobre a serra, quem mora na cidade não teve a oportunidade ainda de vê-lo. Nos efeitos de sentido produzidos pelo discurso, vemos um sujeito, no funcionamento da memória, se identificando como um sujeito Chiquitano.

O mesmo ocorre na Sd12, quando o sujeito reconhece a importância para as crianças de saberem sobre a lenda, mesmo quando o sujeito interpelado pela escola e os discursos que nela circulam diferencia o que “é a cultura de lá”, como se ela não alcançasse o Chiquitano “daqui”, da cidade, da escola urbana; mesmo assim, temos um sujeito em seu processo de identificação que é capaz de tomar posição e optar pelo “lá”, reconhecendo o “respeito” à cultura. Percebemos, então, que pelo discurso do sujeito as lendas apresentam um “indicador do processo de identificação em que ele se inscreve, produzindo sentidos e, ao mesmo tempo, sua identidade” (ORLANDI, 2017, p. 32), nesse caso a identidade do índio Chiquitano.

Retomamos Benites (2013, p.41) para refletir que:

Sendo um efeito do discurso, os sentidos da identidade são construídos pelos diversos sujeitos no seio das sociedades. Entretanto, essa construção de sentidos não se dá de forma pacífica; ela ocorre na relação tensa dos jogos de poderes e de verdades que procuram criar dispositivos de classificação dos sujeitos, impondo-lhes formas de representação que também são garantidas na/pela língua.

De acordo com Benites, a identidade do sujeito é produzida pela linguagem, funcionando como um efeito do discurso. É no discurso dos sujeitos que podemos entender a construção da identidade; assim, é no discurso do sujeito que encontramos as marcas de sua identidade, identidade do sujeito indígena.

Ainda sobre a relação entre o sujeito e a identidade cultural indígena, observamos que na lenda 3, o sujeito relata que mesmo não conhecendo alguém que tenha sido “pego” pelo bicho do mato ele conhecia a história contada pelo pai e respeitava ao ponto de sentir medo. Na lenda 4, o sujeito ao relatar sobre a transformação do rapaz em cachorro, mostra ter bastante conhecimento ao afirmar que cachorro não briga com “lobisomem” e que, após a morte do rapaz, o irmão assumiu o lugar de transformação.

Sd13 (L3): Eu não conheço ninguém que foi pego pelo bicho, meu pai contava, mais:: isso é história de lá, todo mundo sabia disso e respeitava... quando entrava na mata, se ouvi um grito a gente até arrepia.

Sd 14 (L3): Nós morava lá:: pra fronteira, casa perto do mato [...].

Sd15 (L4): Virava lobisomem, ele falou isso pra mim, eu nunca vi nada, ele bebia e:: ficava bêbado, não sei se é verdade. Daí:: ele foi na casa de um homem e começou a brigar com os cachorros, os cachorros correram. Sabe né, cachorro não briga com lobisomem, ele fica quietinho, tem medo. Ele e o irmão dele virava cachorro, o irmão dele ainda vira.

Na Sd13, também percebemos a identificação do sujeito, enquanto índio, durante a contação sobre o bicho do mato: afirma-se que todas as pessoas “de lá” conhecem e respeitam a presença do bicho quando precisam entrar na mata, na sua identificação, o sujeito argumenta que quando entra na mata, “se ouvi um grito a gente até arrepia”, fazendo uso da expressão “a gente”, correspondente à primeira pessoa do plural, o “nós” inclusivo. No processo de identificação, ele, o sujeito teme a possibilidade de encontrar o bicho da mata, evidenciando aquilo que ele teme, que é parte da cultura indígena, sua cultura.

Em outro momento, na Sd14, na identificação com a cultura Chiquitano o sujeito traz elementos que comprova onde “morava”; na “fronteira” em uma “casa perto do mato”, para que seja possível crer na lenda mesmo em um outro espaço, o escolar. Durante a contação da lenda, o sujeito, após esclarecer o que era o bicho do mato, relatou com detalhes a experiência vivida por sua família e fez questão de afirmar, repetidas vezes, a veracidade da história. Demonstrando, assim, crença e respeito à sua identidade cultural indígena, mesmo que por motivos outros não possa morar na aldeia.

Por último, na Sd15, o sujeito, durante a contação sobre o “conhecido” que se transformava em cachorro (lobisomem), afirmou várias vezes o fato de “nunca” ter presenciado tal situação, mas soube esclarecer com muito conhecimento e sabedoria da cultura Chiquitano um fato específico, “cachorro não briga com lobisomem, ele fica quietinho, tem medo.” Trata-se de um saber que só alguém conhecedor da cultura e identificado com a identidade do povo

Chiquitano pode mobilizar, o sujeito não só conhece muito como afirma a existência de pessoas que ainda se transforma em animal, “o irmão dele ainda vira.”. Por fim, fez questão de dizer que toda história se passa na comunidade São Fabiano, que é uma comunidade indígena na zona rural do município de Porto Esperidião.

Nesse ambiente educativo em que não percebemos o acolhimento da identidade cultural dos alunos Chiquitano, a narratividade, ou seja, o funcionamento da memória se mostra, nesse caso, como nos diz Orlandi,

há um seu funcionamento que determina as relações com as formações discursivas, para os sujeitos, em situações específicas. Os sujeitos, individuados, inscrevem-se em algumas, e não outras formações discursivas, identificando-se assim com certos sentidos, determinados pela relação com a ideologia, que resultam em determinadas posições-sujeito. (2017, p. 207).

Assim como nos orienta a autora, no funcionamento da memória, compreendemos a relação dos discursos do sujeito com as formações discursivas, nas quais estão inscritos. Nesse ponto, voltamos ao nosso questionamento sobre como o sujeito aluno Chiquitano se significa e é significado nas lendas contadas no espaço escolar.

Nossa reflexão nos leva a compreender que temos um sujeito aluno Chiquitano que põe a lenda em circulação em um outro espaço (escola urbana) diferente do espaço em que foi produzida (aldeia indígena). Nessa observação, percebemos sujeitos em seus processos de identificação que ora se aproximam da cultura Chiquitano, ora se distanciam dela, especificando o que é próprio só de lá (aldeia) e que aqui (escola) não é possível, é diferente, não acontece assim. Muitas vezes, eles deixam de falar ou falam sobre a cultura indígena como algo distante, estranho, em virtude do silenciamento que a escola promove ao não dar espaço e não reconhecer a identidade do povo Chiquitano como uma das identidades dos seus alunos.

Dessa forma, pontuamos a relação do sujeito com seus modos de individuação que expõe o funcionamento da memória. O sujeito aluno Chiquitano que, apesar de não morar nas aldeias, e sim na cidade, tem acesso aos dois espaços, assim reconta a lenda contada pelos familiares (moradores da aldeia) dizendo nunca ter visto ou presenciado algo do tipo, mas nos efeitos de sentidos produzidos nos discursos, percebemos um sujeito que ainda quando mostra não crer nas próprias lendas, ao mesmo tempo que também mostra ter conhecimento e respeito com relação àquilo que é da sua cultura e que o constitui identitariamente.

Assim, o sujeito nas suas condições de produção se tece na identificação e na relação complexa com a identidade do povo Chiquitano.

CONSIDERAÇÕES

Ao finalizar este trabalho de pesquisa, que não se trata de uma verdade única e absoluta sobre o assunto, pois, a nosso ver, trata-se de um processo que não acaba, do qual surge a vontade de continuar e a certeza de muito ainda para refletir e aprender, especialmente, sobre o processo de identificação do sujeito aluno Chiquitano, em relação a identidade cultural indígena, o principal questionamento norteador desta pesquisa.

Tal questionamento se deu pelo fato de o povo indígena Chiquitano, residente no município de Porto Esperidião que é fronteira com a Bolívia, país de origem do povo Chiquitano, se deslocar das aldeias para morar na cidade. Foi na convivência com alunos Chiquitano no espaço escolar que a inquietude sobre a relação entre a escola e os alunos indígenas nos tomou de tal forma que seria impossível deixar de buscar reflexões acerca do processo de identificação do sujeito aluno Chiquitano e sua relação com a identidade indígena.

A Análise de Discurso permitiu compreendermos as relações dos discursos presentes no espaço escolar, com a memória discursiva, através das lendas indígenas que circularam na escola, a partir da proposta pedagógica realizada em sala de aula, levando em consideração as condições de produção destas. Entendemos que o trabalho com os discursos presentes nas lendas, nos permitiu refletir sobre a identidade cultural indígena, inclusive a relação do sujeito aluno Chiquitano com a escola não indígena.

Observamos que a escola não indígena que recebe o aluno Chiquitano possui uma política atuante no que se refere a anular as diferenças presentes no espaço escolar. Compreendemos que a escola, enquanto instituição, não considera a diferença cultural dos alunos, em outras palavras, a escola silencia a identidade cultural do sujeito que pertence àquele espaço escolar, apesar de o Projeto Político Pedagógico destacar a importância da valorização das diversas culturas locais não menciona a cultura Chiquitano. O silenciamento faz com que os sujeitos não tenham espaço para manifestação e valorização de sua cultura, não são reconhecidos enquanto identidade cultural Chiquitano. A escola que valoriza as diversas culturas locais não deixaria de considerar a cultura indígena dos alunos, interpelando-os a valorizarem outras culturas, silenciando, como já dissemos, a sua própria cultura.

A pesquisa nos fez compreender que, ao longo dos tempos, a região de fronteira Brasil-Bolívia se tornou o espaço de habitação do povo Chiquitano, sendo a Bolívia seu país de origem. Entendemos que não há processos de identificação do sujeito sem a interpelação da ideologia;

desse modo, percebemos as marcas do contato com outros povos e instituições na identidade do sujeito indígena. É possível identificar efeitos de sentidos das Missões dos Jesuítas, responsáveis por aldear o povo Chiquitano por volta do século XVII, nas práticas religiosas dos indígenas.

No percurso da pesquisa, percebemos, também, que o contato do índio com o não índio afetou o seu autorreconhecimento enquanto indígena. Há índio Chiquitano que se sente ofendido se considerado indígena, fato que ocorre principalmente entre os Chiquitano que residem na cidade e não na aldeia. Indursky (1990, p. 120) desloca o termo para “denegação discursiva”, justamente por ser uma negação relacionada à formação discursiva em que o sujeito está inserido, o que é negado por ele permanece recalcado na formação discursiva. Assim, a denegação da origem étnica por parte dos Chiquitano evidencia a presença de discursos outros, seja pela convivência com o não índio, seja pela relação com a escola urbana que estão matriculados e que não oferece espaço para a identidade cultural Chiquitano.

Diante do que foi observado, consideramos que as condições sócio-históricas, políticas e ideológicas que envolvem o modo como o sujeito aluno Chiquitano se significa e é significado em relação a sua convivência em um outro ambiente que o de sua descendência e que o contato com outros povos, modifica a maneira do sujeito se relacionar com a sociedade e, principalmente, age no apagamento da identidade cultural do indígena.

Entretanto, como Pêcheux (1990) nos lembra: “não há ritual sem falha”; isso nos faz entender que, apesar das condições sócio-históricas, políticas e ideológicas agirem no apagamento da identidade do sujeito aluno Chiquitano, essa resiste “e continua a funcionar como um lugar de memória no sujeito” (SILVA, 2016, p. 76). Dessa forma, quando analisamos o discurso dos sujeitos alunos Chiquitano, percebemos no funcionamento da memória, um discurso atravessado ideologicamente que faz resistir às marcas da identidade indígena, que se significa nas crenças, na mitologia e nos rituais religiosos dos Chiquitano.

Sabemos que a Escola, enquanto instituição, apresenta em seus modos de disciplinar a relação entre aluno e professor que “configuram até hoje um imaginário que circula no espaço escolar e que mantém/constitui pela memória desse funcionamento o sentido de escola” (BRESSANIN, 2012, p. 34). Assim, a escola, produzindo efeitos de sentido, também é responsável na interpelação do sujeito através da relação que estabelece com metodologias, teorias e tecnologias.

De acordo com Celada e Payer (2016, p. 37), é preciso ter um olhar atento “para as práticas de ensino como condições de produção de processos de identificação, que decantam

numa inscrição por parte do sujeito da linguagem na ordem da língua...”. Compreendemos que, segundo as autoras, cabe ao professor, aqui entendemos enquanto escola, compreender os “fatos da linguagem” como “fatos discursivos”, para que a proposta educativa dê visibilidade as diferentes identidades culturais que estão presentes no espaço escolar.

Dessa forma, percebemos que na escola pesquisada, apesar de objetivar a “afirmação da identidade” e valorizar as manifestações culturais local, conforme consta no Projeto político Pedagógico, não encontramos referência à cultura Chiquitano. Na prática observamos que a proposta educativa não dá visibilidade, silenciando a manifestação cultural dos sujeitos. Nesse sentido, consideramos importante que a escola possa oferecer espaço para a manifestação e valorização da identidade cultural dos sujeitos alunos Chiquitano, exatamente o que buscamos alcançar com o nosso trabalho de pesquisa.

Embora o espaço educativo não acolha a identidade cultural dos alunos Chiquitano, percebemos nos efeitos de sentido produzidos nos/pelos discursos presentes nas lendas que circulam na escola, que a narratividade, o funcionamento da memória de um sujeito interpelado se mostra. Colocando em evidência um sujeito atravessado por discursos outros e inscrito em uma formação discursiva, que por vezes se afasta da sua cultura indígena e outros momentos se reconhece enquanto sujeito Chiquitano.

Assim sendo, na certeza de que o processo de produção da escrita não para de produzir efeitos de sentido e que muito temos para refletir, com nosso gesto de intervenção que envolve os sujeitos alunos Chiquitano e coloca-os em movimento e que nos faz repensar o funcionamento da escola. Esperamos com nosso trabalho contribuir para o conhecimento acerca dos processos de identificação do sujeito aluno Chiquitano, em relação à identidade cultural indígena, que necessitam sair das aldeias para residir na cidade se relacionando com outras culturas, outros sujeitos no espaço escolar.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Pedro Luís Fagundes do, FERNANDES, Carolina. **A ditadura militar no discurso midiático: uma abordagem discursiva na educação de jovens e adultos.** Revista Investigações Vol. 31, nº 2, 2018.

ACHARD, Pierre, DAVALLON, Jean, DURAND, Jean-Louis, PÊCHEUX, Michel, ORLANDI, Eni Puccinelli (org.). **Papel da memória.** Tradução José Horta Nunes. 4. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.

ANGELO, Francisca Navantino de. **Projeto Político Pedagógico: uma nova relação entre escola-comunidade.** In: JANUARIO, Elias (org.), SILVA, Fernando Selleri (org.). **Cadernos de educação escolar indígena** – Faculdade Indígena Intercultural. Barra do Bugres, MT: UNEMAT, v. 7, n. 1, p. 61-69, 2009.

BENITES, Flávio Roberto Gomes. **Territórios de si e do outro: língua, discurso e identidade em contexto migratório.** 213f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2013.

BRESSANIN, Alexandra; BRESSANIN, Joelma Aparecida; DI RENZO, Ana Maria. Políticas de formação de professor e o ensino de língua. In: MOTTA, Ana Luiza Artiaga Rodrigues da. *et all* (org.). **Acontecimento de linguagem: espaços de significação.** Campinas, SP: Pontes Editores, 2013, p.13-32.

BRESSANIN, Joelma A. **Políticas de formação continuada de professores em Mato Grosso: uma análise discursiva do Programa Gestar.** 151f. Tese (Doutorado em Linguística) Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2012.

CELADA, María Teresa. Em transferência - efeitos de uma reflexão no campo das línguas estrangeiras, com foco no espanhol. In: RODRIGUES, Eduardo Alves; SANTOS, Gabriel Leopoldino; CASTELLO BRANCO, Luiza Katia Andrade (org.). **Análise e Discurso. Pensando o Impensado Sempre. Uma homenagem a Eni Orlandi.** 1. ed. Campinas, SP: RG Editora, v. 1, p. 441- 465, 2011.

CELADA, María Teresa; PAYER, Maria Onice. Sobre sujeitos, língua(s), ensino. Notas para uma agenda. In: _____. (org.) **Subjetivação e processos de identificação**: Sujeitos e línguas em práticas discursivas – inflexões no ensino. Campinas, SP. Pontes Editores, 2016, p.17-41.

CELADA, María Teresa. Entremeio II. In: MARIANI, Bethania (org.). Enciclopédia Virtual de Análise do Discurso e áreas afins (Encidis). Niterói: UFF, 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OLePH78-hkA>. Acesso em: 17 dez. 2020.

CELADA, María Teresa. Sobre a (im)possibilidade de exposição à alteridade – aspectos da formação de professores de língua(s). **Entremeios**. v.10, jan./jun. 2015. Disponível em: <http://www.entremeios.inf.br>. Acesso em: 19 de set. de 2020.

DICIO - Dicionário Online de Português. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/lenda/>. Acesso em: 24 de out. de 2020.

DUARTE, Adriana Nezeir de Almeida. O Chiquitano de Cáceres-MT: contribuições para a constituição da escola como fronteira interétnica e intercultural. 167f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, Cáceres/MT, 2014.

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI. **Terras indígenas**. Brasília, [s/d]. Disponível em: www.funai.gov.br. Acesso em: 10 de maio de 2020.

GADET, Françoise, PÊCHEUX, Michel. **A língua inatingível**. O discurso na história da linguística. Trad. Bras. 2. ed. Campinas, SP: Editora RG, 2010.

GALLO, Solange. **Texto**: como apre(ender esta matéria? 214f. Tese (Doutorado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, Campinas/SP, 1994.

GARCIA, Thiago Almeida. **No chão da escola é diferente?** A educação escolar indígena de duas comunidades chiquitano na fronteira Brasil/Bolívia. 191f. Dissertação (Mestrado em Estudos Comparados sobre as Américas-CEPPAC). Universidade de Brasília – UnB, Brasília/GO, 2010.

IBGE - FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Cuiabá Mato Grosso – MT Histórico**. [s/d]. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/matogrosso/cuiaba.pdf>. Acesso em: 16 de maio de 2020.

INDURSKY, F. **Polêmica e denegação**: dois funcionamentos discursivos da negação. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, 19, jul/dez, Campinas: Editora da UNICAMP, 1990, p. 117-122.

LAGAZZI, Suzy. A autoria no enlace equívoco das posições de sujeito. **Revista Reflexão e Ação**. Santa Cruz do Sul, v.23, n.1, p.238-250, jan./jun.2015. Disponível em: <http://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/index>. Acesso em: 26 de out. de 2020.

MAGALHÃES, Belmira; MARIANI, Bethania. Processos de subjetivação e identificação: ideologia e inconsciente. **Linguagem em (Dis)curso**. Palhoça, SC, v. 10, n. 2, p. 391-408, maio/ago. 2010.

MALDIDIER, Denise. **A inquietação do discurso** – (Re)ler Michel Pêcheux Hoje. Tradução Eni P. Orlandi. Campinas, SP: Pontes, 2003.

MARIANI, Bethania. **Língua nacional e pontos de subjetivação**. In: *Revista GEL*. v. 01, 2008.

MARQUES, Manoel Esperidião da Costa. **Região ocidental de Matto Grosso**: viagem e estudos sobre o Valle do Baixo Guaporé: da cidade de Matto Grosso ao Forte. Rio de Janeiro, RJ: Typ. e Pap. Flildebrandt, 1908.

ORLANDI, Eni Puccinelli. A língua brasileira. In: **Trabalhos em linguística aplicada**, n. 23, p. 29-36, 1994.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **A Linguagem e seu Funcionamento**: As Formas do Discurso. Campinas, SP: Editora Pontes, 1996

ORLANDI, Eni Puccinelli. **A Gramática, O Estado e A Autoria**. *Relatos*, Campinas, v. 4, p. 6-11, 1997.

ORLANDI, Eni Puccinelli. A língua brasileira. **Ciência e Cultura**. São Paulo, v.57, n. 2, p. 29-30, 2005. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/>. Acesso em: 28 de out. de 2020.

ORLANDI, Eni Puccinelli. À flor da pele: indivíduo e sociedade. In: MARIANI, Bethania (org.) **A Escrita e os Escritos**. Reflexões em Análise de Discurso e Psicanálise. São Carlos: Claraluz, 2006.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. 6. Ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Terra à vista - Discurso do confronto: Velho e Novo Mundo**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2008.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Formação ou capacitação: duas formas de ligar sociedade e conhecimento. In: FERREIRA, Eliana Lucia; ORLANDI, Eni. (org.). **Discurso sobre a inclusão**. Niterói, Intertexto, 2014.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 12 ed. Campinas, SP: Pontes, 2015

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Eu, Tu, Ele – Discurso e real da história**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017.

ORLANDI, Eni Puccinelli; LAGAZZI-RODRIGUES, Suzy. Introdução às Ciências da Linguagem: **Discurso e Textualidade** E. P. Orlandi (org.), S. Lagazzi Rodrigues (org.). 3.ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017

ORLANDI, Eni Puccinelli. Análise do Discurso. In: Introdução às Ciências da Linguagem: **Discurso e Textualidade**. E. P. Orlandi (org.), S. Lagazzi Rodrigues (org.). 3.ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso em Análise: sujeito, sentido, ideologia**. 3. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Pensares em Revista**. São Gonçalo- RJ, n. 17, p. 8-17, 2020.

PACINI, Aloir. Um perspectivismo ameríndio e a cosmologia anímica chiquitana. **Espaço Ameríndio**. Porto Alegre, v. 6, n. 2, p. 137-177, jul./dez. 2012.

PACINI, Aloir. Os Chiquitano na fronteira. In: Reunião Brasileira de Antropologia – RBA, 26, 2008, Porto Seguro, BA. **Anais eletrônicos...**Porto Seguro: Salute, 2008, p 01 – 24. Disponível em: <http://www.portal.abant.org.br/2013/07/06/anais-26-rba/> . Acesso em: 21 de jun. de 2020.

PÊCHEUX, Michel. Delimitações, Inversões, Deslocamentos. In: **Cadernos de Estudos Linguísticos**. 19. Campinas, 1990.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução Eni P. Orlandi *et al.* 5. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014.

PMPE – PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ESPERIDIÃO. **Histórico de Porto Esperidião** – MT. [s/d]. Disponível em: <https://www.portoesperidiao.mt.gov.br/Cidade/Historia/>. Acesso em: 10 de jan. de 2020.

PROJETO Político Pedagógico (PPP). **Escola Municipal Maria Gregória Ortiz Cardoso**. Porto Esperidião/MT, 2019, 344p.

SANTANA, Áurea Cavalcante. **Línguas cruzadas, histórias que se mesclam**: ações de documentação, valorização e fortalecimento da língua Chiquitano no Brasil. 290f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística). Universidade Federal de Goiás, Goiânia/GO, 2012.

SILVA, Antônio José da. **Discursos em circulação**: o processo de seleção do livro didático da Língua Portuguesa. 99f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT, Cáceres/MT, 2017.

SILVA, Joana Aparecida Fernandes. Pertencimento e identidade, territorialidade e fronteira entre os Chiquitanos no Brasil e na Bolívia. In: **Espaço Ameríndio**, Porto Alegre, v. 6, n. 1, p. 119-137, jan./jun. 2012.

SILVA, Lourdes Serafim da. **A relação entre sujeitos e línguas no espaço escolar de fronteira**. 84f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, Cáceres/MT, 2016.

SILVA, Mariza Vieira; PFEIFFER, Claudia Castellanos. **Pedagogização do espaço urbano**. In: RUA [online]. 2014, Edição Especial - ISSN 1413-2109. Consultada no Portal Labeurb – Revista do Laboratório de Estudos Urbanos do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade. <http://www.labeurb.unicamp.br/rua> Acesso em: 03 de maio de 2019.

SILVA, Renata Bortolletto. **Os Chiquitano de Mato Grosso**: estudo das classificações sociais em um grupo indígena da fronteira Brasil-Bolívia. 226f. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH)-USP, São Paulo/SP, 2007

SILVA, Verone Cristina da. **Carnaval: alegria dos imortais ritual, pessoas e cosmologia entre os Chiquitano no Brasil**. 296f. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH)-USP, São Paulo/SP, 2015.

SIQUEIRA, Elizabeth Madureira, MACHADO, Fernanda Quixabeira, ÁVILA, Luciwaldo Pires de. **O Brasil pelos brasileiros: relatórios científicos da Comissão Rondon**. Cuiabá/MT: Carlini Caniato Editorial, 2016.

SOARES, Neures Batista de Paula. **Memória e discurso: os sentidos de terra no documentário “Vale dos Esquecidos”**. 96f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, Cáceres/MT, 2016.

SOUZA, Tania Conceição Clemente de. **Discurso e Oralidade - Um estudo em língua indígena**. 388f. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade de Campinas - UNICAMP, Campinas/SP, 1994.

TIZZIOTO, Pamela Aline; PACÍFICO, Soraya Maria Romano; ROMÃO, Lucília Maria Sousa. **A constituição de sentidos na oralidade e na escrita: a autoria na produção infantil**. Pesquisa em Discurso Pedagógico, Rio de Janeiro, n. 2, 2009. Disponível em: <http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/>. Acesso em: 26 de out. de 2020.

